

Cesar Augusto De Cesaro

**O QUE
EU
PUDE
FAZER**



O que eu pude fazer

Aprendi a cevar mate
Ainda muito pequeno
A tropear de madrugada
Me molhando no sereno
Nesta vida da campanha
Me defendo mais ou menos

Tenho a mão calejada
De Tanto jogar meu laço
Quando um boi se desgarrá
Uma nova armada eu faço
Pois prá mim laçar é farra
No lombo do meu picaço

Cesar Augusto De Cesaro

**O QUE
EU
PUDE
FAZER**

Passo Fundo
Ed. Do Autor
2023

Disponível no formato eletrônico PDF

Todos os direitos reservados à Clínica da Alma Chico Xavier.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Correção: Este livro não passou por uma revisão ortográfica. Os erros nele encontrados estão de acordo com a escolaridade do Autor: 2º Grau Completo

Direitos Autorais doados integralmente a casa espírita Clínica da Alma Chico Xavier, dirigida pelo Sr. Herculano Rossi. Situada na Travessa Exposição nº 47, Bairro São Cristóvão – Telefone 3315-2324 CNPJ:

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

De Cesaro, Cesar Augusto De
O que eu pude fazer / Cesar Augusto De
Cesaro. -- 1. ed. -- Passo Fundo, RS :
Ed. do Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-80150-7

1. Poesia brasileira I. Título.

23-171873

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Dedico

*A minha esposa Zilda, às filhas Lisiane e Ana
Paula, ao meu filho Maurício e a todos os amigos.*

O Autor

Agradeço

*Ao professor Welci Nascimento pelo prefácio
e incentivo a publicar este pequeno trabalho.*

*A Sra. Marilise Brockstedt Lech pelo apoio
na publicação deste livro.*

O Autor

Sumário

Escrito pelo Professor	
Welci Nascimento	11
Pensamentos e frases que	
considero interessantes	15
Pobres Bichos	19
Poeta do Rio Grande	22
Caudilho do Bandoneom	25
China Querida	27
O Tango é Arte	29
Nos Tempos da Tia Carula	30
No Chiado da Chaleira	32
Irmãos Negros	33
Muito Obrigado	36
Apertando a mão de Gumersindo	39
Filho de Coxilha	41
Lombo Duro	43
Morena que Dança	44
A Estância Onde Nascí	45
Ao Nosso Pobre General	47
Na Escuridão	50
Capim Nativo	52
Bugio Valente	53
Um CTG Lá no Céu	55
O Baile do Tio Néia	57

Bem Campeiro	60
A Marcello Francisco Galli	62
Eu e o Joanico	65
Lida Campeira	69
Jeito de Gente	70
Ao Grande Acordeonista Miguel Pereira	72
Parteira de Campanha	74
Passo Fundo	77
Herói da Estrada Esquecido	78
Mãe Linda e Amorosa	80
A Boiada	82
Cordeiro Tosquiado	83
Vou Prá Pindamonhangaba	85
O Sanfoneiro da Mata	87
Bigode com Erva	89
Bebida Nobre do Pago	91
CTG Porteira da Tradição	93
Rio Caminho de Balseiros	95
Tributo aos Amigos	97
Uma Canção à Passo Fundo	99
O Trabuco do Pedro	100
Aliança Divina	102
Eu e o Delegado	104
Cor do Luar	107
Para Thalia	109
O Baile da Poeira	111
Orgulho e a Vaidade	113
Baile na Mata	115

Que nem Galo Cego.....	117
Que Pecado Bão	119
Programa Porteira Aberta.....	121
Ser Gaúcho.....	123
Hoje Eu Vou Encher a Cara	125
No Coração da Giovana.....	127
Hoje Uma Estrela Brilha.....	129
<i>A João Alves Castanho</i>	131
Quem Dera.....	134
Para a Minha Neta Lois	136
Os Quinze anos da Laurem	139
A Rafaela Castanho	142
Ao Hospital São Vicente de Paulo	144
Um Humilde Monólogo à Minas Gerais.....	145
Três Morenas	148
Bugio do Pé Bem Solto	150
Sentimento de Ternura.....	152
Pedágio de Tropa.....	153
Abraçando a Bombacha	155
No Banco do Amor	157
Agradecimento Especial e Eterna Gratidão.....	159
Biografia Cesar.....	161
Porque Escrevi Este Livro.....	165

Escrito pelo Professor **Welci Nascimento**

Tenho profundo apreço por esta obra, evocado pelas qualidades que Cesar Augusto De Cesaro costuma demonstrar.

Sua obra fala por si só. É autêntico “pelo duro “no dizer da linguagem gaúcha. Sua voz firme e forte diz tudo da sua personalidade que sempre vem em direção da verdade fraterna.

Sua vida parece ser imantada pela origem familiar. Seu pai e sua mãe eu conheci, bondosos, carinhosos olhares firmes em direção as coisas certas. César foi criado, certamente, sob os olhares dos pais e descobriu, ainda na adolescência, aluno que foi da Escola Cecy Leite Costa, o dom da linguagem poética.

Costuma-se dizer que a fruta não cai longe do pé. Pois é, César herdou as qualidades literárias do Marconi De Cesaro, seu pai, que costumava ilustrar a vida noturna e urbana da cidade com suas crônicas.

O livro “Bocas Amargas”, lançado na Academia Passo-fundense De Letras, no ano de 2003, nos dá uma ideia, pequena, do sofrimento humano. Os rostos sofridos dos trabalhadores pela dura e árdua labuta em situação de risco de vida. O nervo vital de “Vila Cruz” (Passo Fundo) é uma fundição.

Cesar Augusto De Cesaro, poeta, pai e avô, ente familiar de fácil relacionamento na comunidade passo-fundense, é oriundo de um tronco de primeira cepa.

Sua alma sofre nos versos acerca dos animais abatidos no matadouro da cidade. São lembranças da adolescência.

*“ E os carneadores
Cortavam sem piedade
Pra alimentar a cidade”*

Cesar escreve este livro, segundo nos declarou, porque desejava expressar o sentimento que possuía com relação a fatos que ocorreram em sua vida. Abater um animal, na visão do adolescente, em 1963, não tinha sentido. E ele questionava: “Porque tem que ser assim?”

Por outro lado, ele retrata a vida do homem e da mulher do campo, poeticamente, assim:

*Se eu não fosse riograndense
A vida não tinha graça
Seria um pobre vivente
Num velório sem cachaça*

A linguagem figurada “velório sem cachaça” nos transporta ao passado, quando a família do defunto costumava oferecer as pessoas que velavam o morto, uma cachacinha que passava de mão em mão.

Quando ele diz:

*“Aprendi a cevar mate
Ainda muito pequeno
A tropear de madrugada
Me molhando no sereno”*

Faz lembrar sua vida de criança nos campos de Passo Fundo, certamente. Cesar cultivava a espiritualidade no seu cotidiano. O extraordinário na vida humana, particularmente na vida familiar, é, se

bem entendo, valorizar o ordinário, isto é, o cotidiano, o dia a dia da vida. Digo isso porque o Cesar, quando em visita em minha casa, demonstrava certa preocupação por ter deixado sua esposa sozinha, em razão de sua saúde.

Eis o cotidiano da vida. A preocupação para com a família.

A crítica aos maus políticos vem com o “fio da navalha” no poema “O político Esperto”:

*“Lá no tal de orçamento
Tem um baita dinheirão
E tem gente metendo a mão...”*

Cesar traz, também, na lembrança a vida noturna de Passo Fundo, relembrando a velha “Maroca”

*“Saibam, sou filho daqui
Criado cheio de vícios
E muito cedo aprendi
A estrada do meretrício....
Dancei tango afigurado
Nos bailes da Tia Carula”*

Para quem não conhece, este é o Cesar Augusto De Cesaro, poeta genuinamente passo-fundense, cuja rima, às vezes, é desprezada para que o lirismo venha a florir.

Welci Nascimento

Pensamentos e frases que considero interessantes

Ao encontrares alguém que acabou de levantar-se de um erro, ajude-o a manter-se em pé.

Cesar

Uma grande covardia, fugir de um problema que você mesmo criou.

Cesar

A partir do momento em que eu não sou exatamente aquilo que eu aparento ser, decididamente eu sou um hipócrita.

Cesar

Quando alguém te magoar, ofender, escarnecer de você, te atingir com qualquer tipo de agressão, lembre-se de que você está diante da oportunidade de exercitar a mais sublime das caridades, O PERDÃO, a tarefa mais difícil que Jesus Cristo nos deixou.

Sintetizado por mim de uma obra espírita Kardecista.

*Tenho a convicção de que muitos erros que cometi
na minha vida, aconteceram de acordo com o nível
de consciência que eu tinha em relação a eles mesmos.*

Cesar.

*Herói não é aquele que em um combate aniquila com o
adversário, pois pode estar em superioridade, mas sim
aquele que consegue resistir as más tendências do espírito,
superar as imperfeições e fraquezas.*

Cesar.

*O verdadeiro heroísmo consiste em resistir
por mais um momento quando tudo parece estar perdido.*

Este pensamento não é meu e eu não consegui identificar o nome do autor.

Os heróis do bem, saem do meio dos que sofrem.

Dr. Ângelo Cardoso Dourado.

*Médico do exército Libertador na
Revolução Federalista.*

*Considero que negar-se a acreditar na verdade
equivale se valer da mentira.*

Cesar.

*Penso que a felicidade anda
de mãos dadas a paz de espírito.*

Cesar.

Encontrei no Livro “As Dores Da Alma” na psicografia de Francisco Do Espírito Santo Neto, pelo espírito Hamed, uma definição de “SÁBIO” e recebi a sugestão de colocar a mesma neste livro pois ela provoca uma pequena reflexão sobre o assunto.

Sábio é aquele que desenvolveu a capacidade sapiencial de avaliar, comparar e ponderar as ideias com:

- 1 - A precisão dos cientistas*
- 2 - O bom senso dos filósofos
(penso que se refere aos filósofos da antiga Grécia)*
- 3 - A sensibilidade dos poetas*
- 4 - A naturalidade das crianças*
- 5 - E o desprendimento dos que amam sem condições.*

*Considero o choro
como uma das vozes do amor.
Cesar.*

*No melhor plantar, está o melhor colher.
Seja feliz, plante, colha e agradeça imensamente a Deus.
Cesar.*

*Perdoar, sem esquecer, é um perdão incompleto e só se completará no dia em que olharmos para o nosso desafeto com o olhar que Jesus Cristo olharia, lembrando sempre que também já desgostamos alguém algum dia de nossa vida.
Cesar.*

Certa vez meu pensamento foi longe, a imaginação desenhou na minha mente uma cena para mim, impressionante: Imaginei uma estrada com vinte quilômetros de largura e o fim seria o céu na presença do Deus Criador do universo. Mentalmente enxerguei toda a humanidade da terra nesta estrada caminhando na direção de Deus.

Nesta grande caminhada, muitos tropeçam nas mais diferentes formas de erro. Tenho em mente que é dever de quem não tropeça, estender a mão a quem caiu, ajudá-lo a se reerguer novamente e continuar a caminhada. Se Deus é infinitamente justo, misericordioso e bom, deve nos dar uma oportunidade de reparar os nossos erros. Penso também que um dia todos chegaremos lá.

Cesar.

Pobres Bichos

Estes versos eu escrevi muitos anos depois de assistir o abate dos animais no antigo matadouro municipal da prefeitura de Passo Fundo. As cenas que vi me deixaram perplexo e muito triste, jamais esquecerei o que vi em um dia naquele ano de 1963.

A descrição que faço é do que vi

*Eu sou filho da cidade
Mas da vila, à beira campo
Eu brinquei com pirilampo
No calor do verão
Com seu pequeno clarão
Uma luz para a humanidade*

*Eu vivi nesta fronteira
Entre o campo e a cidade
Onde foi minha mocidade
E onde aprendi a ciência
Pra temperar a vivência
E levar a vida faceira*

*Uma lembrança me consome
Era lá no matadouro
Onde o boi perdia o couro
E entregava sua vida
De uma forma tão sofrida
Pra matar a nossa fome*

*Também vinha alguma rez
Coitadinha, inocente
Sem ter feito mal pra gente
Tinha o brete por destino
E eu, um pobre menino
Assistia a sua vez*

*Quando vi ela carneada
Minha alma estremeceu
Um pobre bezerro morreu
Junto com a pobre rez
Que bem mais de uma vez
Deu leite pra criançada*

*Eu vi o sangue que jorrava
E deixava o chão vermelho
Vi um pobre boi de joelho
Pelo golpe recebido
Que não era merecido
Por quem o arado puxava*

*Confesso caí no choro
Quando vi o golpe na nuca
E ligerito num upa
O bicho já era erguido
Nem bem tinha morrido
E já tiravam-lhe o couro*

*E os carneadores, ligeiros
Cortavam sem piedade
Pra alimentar a cidade
Que desconhece esta lida
De uma vaca ser erguida
No costado de um potreiro*

*A humanidade não sabe
Porque o mundo é assim
De uma vida ter o fim
Para à outra vida manter
Não posso compreender
Peço a deus que isso acabe*

*A providência divina
Que a nós todos irmana
Com certeza não se engana
No modo de proceder
E mesmo tendo que morrer
Vida alguma se termina*

*Quando lembro deste fato
O churrasco perde o gosto
Chego até molhar o rosto
De remorso do que vi
E do meu tempo de guri
É verdade este relato*

*Se os animais, alma tiverem
Que deus as leve para o céu
Envoltas num santo véu
E lhes dê o paraíso
Onde não seja preciso
Os pobres bichos.....morrerem*

Poeta do Rio Grande

Ao grande poeta gaúcho, JOÃO PANTALEÃO GONÇALVES LEITE, ofereço estes versos simples, mas sinceros, como forma de expressar a admiração que tenho por este taura, que considero um dos maiores expoentes da tradição gaúcha na forma de versos e costumes, exaltando as belezas e valores da nossa terra sulina, ao mundo.

Esta homenagem o Poeta João Pantaleão Gonçalves Leite recebeu em vida, motivo pelo qual não consta a observação “ In Memoriam “

*Manancial de poesia
De um santo ventre nasceu
Versejando noite e dia
Na vaneira e no bugio
O pampa encheu de alegria
Quando o PANTALEÃO surgiu*

*Teus versos brotam da alma
De um jeito muito sereno
Melodia bela e calma
Pra este mundo pequeno
O Rio Grande bate palma
Pro filho deste terreno*

*Versos com cheiro de terra
Com a mais linda magia
Que na essência encerra
Lindos cantos em harmonia
Onde até um touro berra
Na mais bela sinfonia*

*Versos de sangue quente
Que jorram aos borbotões
Profundos igual vertente
Aguadeiro dos rincões
No passado e no presente
Irmanando gerações*

*No verde puro da mata
E no louro dos trigais
Tua poesia retrata
Os matizes naturais
Qual um som de cascata
Ao longo dos pinheirais*

*E por onde for que eu ande
Sempre ouço a tua mensagem
Que considero bem grande
Nesta vida de passagem
E dos poetas do Rio Grande
É maior a tua bagagem*

*Pra quem gosta de escrever
Sobre esta terra agreste
Procure bem aprender
A fazer verso que preste
Vá na fonte do saber
Onde o PANTALEÃO é o mestre*

*Hoje este chão balança
Mostrando a sua arte
Até a ponta da lança
Já deixa a luta a parte
E da tradição que avança
Você é o nosso estandarte*

*Eu vou fazer uma simpatia
Com tentos de couro cru
E juntar numa bacia
Com frutos de guabijú
Pra que nasçam algum dia
Mais poetas que nem tu.*

Caudilho do Bandoneom

Esta letra foi escrita a pedido do grande acordeonista, Miguel Pereira, para homenagear uma pessoa muito especial, Filho de Lagoa Vermelha, um CAUDILHO DO BANDONEOM, homem bem-quisto na sociedade, alegre e sempre pronto para qualquer evento artístico. Ao Sr. Plínio Mena Barreto Do Amaral, receba com carinho estes versos.

Letra musicada pelo conjunto Os Tropeiros
tendo no acordeom, Miguel Pereira.

*Nos campos sul, lá no Capão Bonito
Um rebento de vida já dava seu grito
Nasceu para o mundo por mão de parteira
Homem sem igual pela vida inteira*

*Com as rédeas na mão, o primeiro diploma
Conheceu bem a arte do pealo e da doma
Se montasse num xucro seria domador
Mas num pingo domado se fez laçador*

*Uma história bonita e uma vida com brilho
Lagoa se orgulha em ser mãe deste filho
Se foi pelo mundo, mas nunca sozinho
E de parceria, Tio Góis e Tio Pedrinho*

*O dom pela música de Deus recebeu
E quanta alegria o Tio Mena nos deu
Coração muito bom carrega consigo
E uma grande estima de todos amigos*

*Que bom se o tempo voltasse outra vez
Reviver as belezas que o Mena já fez
Que Deus nos permita escutar sempre o som
Do grande CAUDILHO E DO SEU BANDONEON*

China Querida

*Eu sempre saio sozinho
E encho bem a guaiaca
Uma china linda me ataca
Pois vive na precisão
E neste mundo de ilusão
Por dinheiro faz carinho*

*Tu atentas ao pudor
Oiga-le china maleva
Pros pelegos tu me leva
E me afasta da estrada
Que leva a grande morada
Do santo DEUS criador*

*Mas...tu não gostas de mim
O teu carinho é amargo
E em seguida já te largo
Vou faceiro num segundo
Pataqueiro pelo mundo
Com teu cheiro de jasmim*

*Vais cumprindo tua sina
Neste mundo de torpezas
Cheio de malvadezas
Que tu sabes galopar
Pensando em realizar
Os teus sonhos de menina*

*Neste pampa soberano
Vou fazer um chamamento
Há coisa que não aguento
Ver fazerem judiaria
Pois as chinas a lá cria
Também são seres humanos*

*China querida te digo
Que com jeito admiro
Do pensamento não tiro
Este teu modo faceiro
De fazer este campeiro
Ser pra sempre teu amigo*

*Mas há algo que venero
Acima da tradição
Do fundo do coração
Vou dizer porque convém
Garanto que por alguém
Tu guardas amor sincero*

*Eu sou simples e sem luxo
E pro chinaredo, versejo
E saibam que é meu desejo
Ver esta terra mudada
Toda china sendo amada
Nos braços de um gaúcho*

O Tango é Arte

Letra de: Cesar Augusto De Cesaro

Música de: Miguel Pereira Da Silva

*Porque será que o tango tanto me fascina
Dança boêmia que nasceu lá na Argentina
Cruzou fronteiras se bandeou para o Brasil
Para encantar a pátria dos encantos mil*

*Dança da noite, reinado da nostalgia
Me alegra tanto que eu escuto todo dia
O tango é lindo ele tem alma e dá pra ver
Quando se olha o bailar de uma mulher*

*Tango tango, tu és inspiração de amor
Quando te danço eu me sinto um sonhador
Contigo tango o alambrado se termina
São irmanados o Brasil e a Argentina*

*Ao escutar o bordoneio do violão
Enriquecendo o solo do bandoneom
Já vou pra dança com a dama pela mão
E a emoção já me acelera o coração*

*Quantas figuras quantos passos em compasso
Chego a sonhar em cada volta que eu faço
O tango é arte e sempre mais eu vou querer
Por gostar tanto vou dançar até morrer*

Nos Tempos da Tia Carula

Esta letra eu escrevi a partir de muitas noitadas na boate da Tia Carula, assim era chamada a Sra. Carolina Borges Dos Santos, que embora proprietária do estabelecimento no bairro Xangrilá, muito frequentado, ela era uma pessoa muito agradável e tratava bem a todos os frequentadores do estabelecimento.

Foi musicada por João Dos Santos.

*Saibam sou filho daqui
Criado cheio de vício
E muito cedo aprendi
A estrada do meretrício*

*Dançar, lá eu fui ensinado
Só não aprendi a chula
Mas dancei tango afigurado
Na boate da TIA CARULA*

*Lá nesta saudosa boate
Sempre fui bem respeitado
E terminei muita noite
Com uma china em cada lado*

*Quando na boate eu sentava
Logo vinha uma cerveja
E a garçonete levava
O meu chapéu numa bandeja*

*Com turma eu nunca saía
Sempre fui meio aragano
E olhava com simpatia
A patrulha dos brigadianos*

*Que coisa triste que era
Ir para a zona pelado
E pra ter uma china este quera
Deixava o relógio empenhado*

*Mas que saudade que dá
Os anos conto nos dedos
Que bom se pudesse voltar
A me entreverá com o chinaredo*

No Chiado da Chaleira

Letra musicada pelo conjunto Os Tropeiros tendo no Acordeom, Miguel Pereira. Concorreu no terceiro Canto Galponeiro tendo sido classificada e selecionada para ser gravada no disco correspondente ao evento.

*Sou um gaúcho feliz minha morada é num galpão
E alguns cepos de angico feito bancos pelo chão
Num meio saco de milho um travesseiro de sesteada
Uns pelegos e trapilhos para o resto da noitada*

*Tem rendas de picumã que o borraio vem tecendo
Um velho fogo de chão que amanhece aquecendo
E uma manta de charque é meu quadro de parede
Eu pego água da bica pra matar a minha sede*

*Dou de mão no meu palheiro um crioulo feito a mão
Que acendo bem ligeiro na tenteada de um tição
Na vida boa que levo eu de nada mais preciso
E a Deus só agradeço e me sinto no paraíso*

*Quando chega à tardinha eu convido a companheira
E a mateada já começa NO CHIADO DA CHALEIRA
Sirvo o mate pra minha prenda perfumada de fumaça
Destrinchada e faceira não tem boia que não faça*

*Depois da erva lavada eu abraço o meu violão
Pra expressar o sentimento que brota do coração
Faço versos de improviso no meu jeito bem faceiro
E me alegro eu cantar este canto galponeiro*

Irmãos Negros

*A noite longa dos tempos
Prenunciava um grande albor
Eis que aqui chegava
Uma raça forte e de cor
E em pouco tempo já regava
Esta terra com suor*

*Assim vieram às miríades
Trazidas a contra gosto
Muitos pobres cafres
Com a tristeza no rosto
Na viagem escanifrados
No coração o desgosto*

*Trabalhavam arduamente
No plantio desta terra
Quando o sol ia no poente
Cortavam lenha, sem serra
E as vezes num repente
Lutavam em alguma guerra*

*Passavam a noite aos gemidos
Com dores dos açoites do dia
Pouco dormiam, ouvindo bramidos
Que aumentavam a agonia
Mas nos quilombos reunidos
A esperança existia*

*E os senhores, na sua dobléz
Aprisionados no egoísmo
Aplicavam por sua vez
As leis de um cesarismo
Em quem mal não lhe fez
Contrariando o Cristianismo*

*E sob o guante do Senhor
O negro, inerte trabalhava
As vezes sangue e suor
O pobre ser derramava
Da dor e do torpor
Só a morte o libertava*

*A ferro aprisionados
Sem saberem porque
Ao dia açoitados
Sem poderem entender
À noite atormentados
Até o dia amanhecer*

*Será que a mão Divina
Este destino escreveu?
Desta cruel e triste sina
Que um povo já sofreu
Não, é obra de gente sovina
Que a Jesus não conheceu*

*Mas o amor habitava
Em muitos corações
De gente que lutava
Pelo fim dos grilhões
E a liberdade despontava
Entre alegrias e emoções*

*Ao olhar pela janela
Com o meu parco saber
O pensar me revela
E eu consigo entender
O que de fato nos nivela
Não é a cor, e o caráter*

*Quantos feitos registrados
Que ficarão para a eternidade
Temos médicos e magistrados
E exemplos de caridade
Que fazem dos IRMÃOS NEGROS
Benfeitores nas sociedades*

*Assim caminha a humanidade
Na direção do Criador
Que a Harpa Da Cristandade
Emita os sons do amor
Um dia todos na igualdade
À Deus daremos louvor.*

Muito Obrigado

*Somente a lembrança
Esmaecida ficou
E só em sonhos revejo
A imagem de um tempo feliz
Muito feliz, que passou*

*O manjolo preguiçoso e lento
Subia com sofreguidão
Seu rangido se ouvia
Lá no galpão
Ia longe com o vento
Encontrar o rangido da carreta*

*Os bois, berravam felizes
Sentindo o fim da jornada
Na coxilha, a bicharada
Revirando raízes
Violentadas pelo arado*

*Na restinga, o quero quero
O sol, descia no horizonte
Recolhia-se ao seu aposento
Seu rosto ainda vermelho
Mostrava que o dia
Havia sido duro, muito duro*

*Ouvia-se de longe
O cantar da ciriema
Enquanto a pobre ema
Aproveitava o lavrado
O ninho já habitado
À esperava ansioso*

*Um João De Barro cantava
Escondendo o cantar dos menores
Um carijó, dos maiores
Respondia-lhe a altura
E um gavião vaidoso
Lá do alto, a tudo observava*

*Uma velha bica
Roída pelo tempo
Chorava pelo caminho
Respingos de vida
Saciando a sede
De vidas pequeninas*

*Um beija-flor solitário
Dividia solidário
Sem ganância nem brigas
O néctar da vida
Com abelhas e mamangavas
Suas companheiras de asas
E também suas amigas*

*Eu sentia a natureza viva
Com sua orquestra nativa
Nos seus humildes acordes
Sem maestro, harmoniosa
E, uma rosa cheirosa
Perfumava o concerto*

*Mas que doce viver
O altíssimo nos deu
É pena que se perdeu
O amor ao que é belo
A campanha e a cidade
Se contradizem nos gestos*

*Certa noite num sonho
Perguntei ao minuano
Que bem fazia?
Respondeu-me, não sei
Só sei que devo passar por aqui
Como tudo que é belo
Passará também*

*Somente a lembrança
Esmacida ficou
E só em sonhos revejo
A imagem de um tempo feliz
Muito feliz, que passou*

*A tristeza me embriaga
E eu fico sem voz
Como um violão sem cordas
Sem poder cantar
Nem sequer balbuciar
Ao criador do infinito
Um pequeno.... muito obrigado*

Apertando a mão de Gumersindo

Refiro-me a Gumersindo Saraiva, nascido no dia 13.01.1852, em Arroio Grande conforme certidão retirada no bispado de Pelotas. Gumersindo foi um caudilho maragato que destacou-se na revolução federalista de 1893, epopeia que manchou a história do nosso estado.

Ele esteve presente junto com o Gen. Antônio Ferreira Pres-tes Guimarães na famosa Batalha do Pulador, ocorrida no dia 27.06.1894, a frente de aproximadamente 3.300 homens no embate com forças governistas comandadas pelo general Francisco Rodrigues Lima veterano da guerra do Paraguai.

*Uma china muito cigana
Ao rio grande não fez bem
Pobre ciência desumana
Só pra alguns ela convém
Filosofia comnteana
Que de muito longe vem
Aos gaúchos desirmana
Com os erros que contém*

*Que o destino nos dê sorte
Eu desejo pra vocês
E que este pampa nunca volte
Aos tempos de noventa e três
E tampouco se remonte
Ao que se deu em vinte e três
Quando irmão matava irmão
Sangrando igual uma rez*

*Gostaria que os caudilhos
Fossem vivos hoje em dia
E como pais junto dos filhos
Vivessem em galardia
Esquecessem as diferenças
Que lhes deu tanta agonia
Sepultassem a mal querença
Pra nascer a harmonia*

*Ver Pinheiro Machado
Apertando a mão de Gumersindo
Cavalgando lado a lado
Um para o outro sorrindo
Deixando pra tras o passado
Tristonho e que vá se indo
Do rio grande enlutado
Por lança e espada tinindo*

*Ver o leão do caverá
Dando a mão ao general
Os gaúchos se abraçando
Numa festa sem igual
Libertando todos os potros
Perdoando todo o mal
Que um gaúcho fez para o outro
Pensando em ser maior*

*Hoje liberto do guante
Que enlutou muitas famílias
O rio grande segue adiante
Qual potro pelas coxilhas
Que nunca mais se levantem
Nem reúnam as tropilhas
E vamos ver um horizonte
Que jamais terá guerrilhas*

Filho de Coxilha

Estes versos, foram escritos em homenagem à um gaúcho do mais puro respeito, e que merece a admiração do povo do Rio Grande Do Sul, por ser um mestre da lida campeira, sua cama, por mais de 15 anos foi uma tarimba, quando o vivente morava dentro de um mato, logo no início de sua vida de casado.

Ao Sr. “ANTÔNIO VIEIRA DE SOUZA” popular “TOTA”,
receba com carinho estes versos simples, mas sinceros.

*Lá pras bandas de Coxilha
Vive um quera mal domado
Que jamais saiu da trilha
É um gaúcho admirado
Mestre da lida campeira
Ao Rio Grande tem honrado*

*Ele é filho de Coxilha
Já faz quase oitenta anos
Criado solto das patas
Que nem potro aragano
Gosta muito de bombacha
Feita com bastante pano*

*É uma história muito linda
A vida deste gaúcho
Quinze anos de tarimba
Aguentou bem o repuxo
Tem o lombo calejado
De dormir longe do luxo*

*É um homem respeitado
Que não mente e não finge
Tem o sangue temperado
Que parece aço solinge
E um bigode tão honrado
Onde a calúnia não atinge*

*Uma impressão de bondade
De sua alma se sente
Não recebeu da cidade
O carinho que merece
É um cerne do Rio Grande
Que pouca gente conhece*

*Já domou muito inverno
Campereando na coxilha
Seu exemplo é eterno
Para os filhos e as filhas
Nunca o vi vestir um terno
É um rebento farroupilha*

*Sua grande cavalgada
Aos poucos chega ao fim
Uma vida tão honrada
Que eu queria pra mim
O que seria do Rio Grande
Se muitos fossem assim*

Lombo Duro

*Meu cavalo é ruim de arreio
E eu só monto em pelo puro
Alça de gaita não me corta
Porque eu sou de lombo duro
Se apagarem o candieiro
Eu vou tocando no escuro*

*Quando fecho a cordeona
Ela assobia por uns furos
É de uns buracos de bala
Que lhes conto e até juro
Furaram todo o meu pala
Mas não o meu lombo duro*

*Quando eu vou numa bailanta
Danço até o sol nascer
Grudado numa percanta
Eu deixo o mundo correr
Prenda que dançar comigo
Nunca mais vai me esquecer*

*A cavalo no respeito
A razão vou gineteando
Prenda linda nunca enjeito
As feias vou conversando
Me reparto com as duas
Assim a vida vou levando*

Morena que Dança

*Morena que dança
Trazes a lembrança
De um triste passado
Meu olhar balança
Olhando tuas tranças
Teu corpo bronzeado*

*Na volta da mesa
Me vem a tristeza
De só, ter ficado
Porque eu não convinha
Pra prenda que eu tinha
E assim fui deixado*

*Por favor morena
De mim tenha pena
E me dê um olhar
E fiques sabendo
Que eu tô querendo
Contigo dançar*

*Se dançares comigo
Vai ter um amigo
Sei que vais gostar
Contigo ao meu lado
Me sinto casado
Pra sempre te amar*

A Estância Onde Nasci

*Cavalguei grande distância
Cheguei de pingo suado
Vim rever a estância
O chão onde fui criado
Pra recordar a infância
Um tempo feliz do passado*

*Vi a carreta no chão
E a canga dependurada
Entrei no velho galpão
Das tertúlias e noitadas
Sinal de um fogo de chão
E a cinza esparramada*

*Ai meu Deus entristeci
Vendo a coisa tão mudada
Volto a estância onde nasci
E vejo ela abandonada*

*Quando veio a noite fria
A tristeza me bateu
A saudade me judia
Do tempo que se perdeu
Meu Deus até parecia
Que o meu Rio Grande morreu*

*O campo tal qual deserto
O destino assim deseja
Uma estância no abandono
Espero que ninguém Veja
E na santa querência eterna
Tomara que assim não seja*

Ao Nosso Pobre General

Homenagem que presto ao General Gumersindo Saraiva, brasileiro e gaúcho nascido em Arroio Grande no RS no dia 13.01.1852

*Covarde tiro de tocaia
Tal qual um punhal nas costas
Não deu chance de resposta
Pois atacou escondido
Atitude de bandido
E gente de qualquer laia*

*Tiveste inveja do brilho
Do nosso grande general
Pois tu não eras igual
Ao homem de retidão
O teu caminho é a servidão
Da tirania tu és filho*

*É fácil ser um valente
Estando ao lado do poder
E doa a quem doer
A vantagem é o que importa
Pois a justiça está morta
E opositor não é gente*

*Quem iniciou a degola
Pica-paus ou maragatos
Basta ler os relatos
Pra conhecer a verdade
E sobre aquela mortandade
A mentira ainda rola*

*Quem mandou matar
Quantas vezes ordenou
Quanto sangue derramou
Pela faca dos algozes
Seus fiéis sequazes
Prontos pra executar*

*Passaram a receber
O troco de resposta
Bom gaúcho não se prostra
À injustiça que se levanta
Pondo a faca na garganta
De gente a não merecer*

*Assim chegou ao poder
O cesarismo
Mascarado de civismo
Aluiu a nossa paz
E a crueldade atroz
Fez o rio grande sofrer*

*Parece que a sede de poder
Só o sangue sacia
E quanta judiaria
Aos lares invadiu
Quanta mãe assistiu
Esposo e filhos morrer*

*A guerra foi um horror
E a luta desigual
Ao nosso pobre general
Inerme mas aguerrido
Restou a fama de bandido
E os louros ao vencedor*

*Mas este pampa tem jeito
Que abram-se os corações
Libertem as emoções
Feliz o povo que se esforça
Trocando o direito da força
Pela força do direito*

Na Escuridão

Estes versos eu escrevi para expressar a admiração que tenho pela Janete e seu irmão Alfredo, que embora privados da visão, alegam festas e divertem pessoas de forma saudável, numa demonstração de resignação sem igual, e se mostram felizes. Deus os ilumine.

*Essa noite escura
Eu carrego comigo
Há muito perdura
Este triste castigo
Mas Jesus me segura
Com mão de amigo
Amizade bem pura
E eu não corro perigo*

*Embora meu deus
Eu não possa enxergar
Pros amigos meus
Eu vivo à cantar
E os amigos teus
Eu quero convidar
Pra me aplaudirem
E assim me alegrar*

*Janete é meu nome
E tenho um irmão
É respeito de homem
E de bom coração
Ele toca cordeona
E eu toco violão
E a alegria ressona
Em qualquer rincão*

*Meu nome é Alfredo
E a irmã me acompanha
O pandeiro nos dedos
Ela toca com manhã
Eu não tenho segredos
E mulher não me arranha
E o teclado da gaita
É a minha façanha*

*E assim na escuridão
Nós vivemos cantando
E nos bate a emoção
Quando estão aplaudindo
E vem do coração
O que estamos dizendo
Em mais uma festa
Que estamos tocando*

Capim Nativo

*Gosto de ti o capim barba de bode
Te conheci nos meus tempos de guri
Quando o sopro do minuano te sacode
Lembro as melenas da indiada guarani*

*Tu cobre campos e coxilhas tu enfeita
E dá guarida para o ninho da perdiz
E testemunhas quando à noite o gado deita
Contigo o dia amanhece mais feliz*

*Capim nativo da minha pátria missioneira
Aonde eu vivo a terra tem a cor de sangue
Se for preciso defender minha fronteira
Já pego as armas não preciso que me mande*

*Você indica a direção que vai o vento
De um jeito manso que até paro pra olhar
Me vem da alma o mais puro sentimento
E um som bem triste que eu tenho que escutar*

*Capim alegre qual cabelo esvoaçante
No embalo forte do rigor da ventania
Me faz lembrar todo o dia e todo instante
Um lindo amor que conquistei um certo dia*

Bugio Valente

Esta letra foi escrita por ocasião de uma visita na fazenda do Sr. Piá Pedroso, assim ele era chamado, nas proximidades da Fazenda Rancho Grande que pertencia ao Presidente João Belchior Marques Goularte e eu estava na companhia de dois grandes amigos, Atílio José Edgar Dorneles, saudoso, nascido na região, e o Sr. Plínio Mena Barreto Do Amaral. Nesta ocasião o Sr. Piá Pedroso nos levou em um pequeno capão de angicos onde tinha um bugio com a fêmea e dois filhotes. O bicho quando nos viu, veio em nossa direção pelos galhos de forma ameaçadora e desaforada. Poucos sabem o desaforo que o bugio é capaz de fazer, por isso nunca fique embaixo de onde ele está.

Musicada por Ariane Marques e Davi Reginatto

*Certa vez fui passear na campanha
Na fazenda do tio Piá Pedroso
E num capão de uma sombra tamanha
Vi um bugio que não era medroso
E o bicho veio bem valente
Já gritando e fazendo bravata
Pois queria mostrar para a gente
Que ele era o dono da mata*

*Com o jeito de gente que tem
O bugio parece nosso irmão
Quando eu mostro uma fruta ele vem
Facerito estender sua mão
Mas se irmão de vocês eu pareço
Te pergunto porque a judiaria
Se acaso morrer eu mereço
E que mal eu lhe fiz algum dia*

*Foi um sonho o que aconteceu
Uma pergunta pro bicho eu fiz
Acreditem que ele entendeu
E fez sinal sacudindo o nariz
Já te digo meu irmão gaúcho
Com o tempo você evoluiu
Eu ainda estou sendo um bicho
No destino que deus decidiu*

*Mas eu gosto de viver assim
Minha barba é a marca e estampa
E meus filhos vão puxar por mim
Sou o gaúcho mais velho do pampa
E escute o que eu tenho a falar
O bugio também tem coração
E quem mata um bugio por matar
Nunca pode chamá-lo de irmão*

*E assim terminei o passeio
Conversando com o bugio*

Um CTG Lá no Céu

*Quando vi meus melhores amigos
Já estavam na estância do além
Com pesar a todos eu digo
Dá vontade de ir-me também*

*Quando olho os amigos que tenho
A vontade é maior pra ficar
Porque sei que de lá eu não venho
Para todos aqui abraçar*

*De saudade meu coração dói
Dos amigos que já se foram
Quanto gaiteiro já foi
E no céu eu sei que eles moram*

*E quando eu me for deste chão
Vou fazer um CTG lá no céu
Com São Pedro o primeiro patrão
Nos unindo num mesmo sovêu*

*Quero ver Tio Bilia tocando
E outros gaiteiros também
E muitos gaúchos cantando
Com os anjos dizendo amém*

*E quem for tocador de violão
Faça logo o acompanhamento
Dando vivas à tradição
A brilhar lá no firmamento*

O Baile do Tio Néia

Esta letra foi escrita a pedido do meu amigo Miguel Pereira, para registrar e relembrar um salão de bailes do saudoso pai dele, Manoel Antônio Pereira, conhecido como TIO NÉIA, ferroviário natural de São Pedro Do Sul no RS. Localizava-se na esquina da rua Floresta com a Dr. Bozzano, a beira do rio Passo Fundo. Quem da RBS desce em direção a ponte do dito rio, entra a esquerda antes da ponte, esta é a rua Floresta. Este salão de bailes funcionou entre os anos 1955 e 1958 e praticamente toda a família do Tio Néia participava da lida no salão.

Introdução a música “Baile em costa de rio, foram vários neste mundo, e aqui em Passo Fundo, muitos não tem ideia, outros tem na memória a linda história, do Salão Do Tio Néia”.

*Baile em costa de rio
Vou contar como é que vi
Divertia o poverio
E o Miguel era um guri
Dançava novo com nova
Dançava véio com véia
E muita gente bailava
Lá no salão do TIO NÉIA*

*Do Sadi era o pandeiro
Do Armindo a Pianada
Do TIO NÉIA a gaita ponto
Animando a noitada
Muitas moças na sala
E mariposas no lampião
O Aristides com seu pala
Tirando poeira do chão*

*E vinha Dona Celina
Sorridente e bem faceira
Respingando água no chão
Pra ninguém dançar na poeira
O TIO NÉIA era um gaiteiro
E um índio muito taita
E tocava bem faceiro
Roncando junto da gaita*

*A Enedina e a Diná
Da cozinha davam um grito
Tem linguiça aferventada
E mesada de bolo frito
Na copa tudo que é bom
Pra servirem lá na mesa
O Timóteo era o garçon
Um homem de gentileza*

*A festa cedo começava
O salão já preparado
E o gaiteiro só parava
Quando o sol tinha acordado
A segurança do baile
O Jorge que garantia
E a Vilma e a Iná
Cuidavam da portaria*

*De vez em quando uma trova
E briga de bom tamanho
E já levava uma sova
Quem pegasse o João Castanho
A lembrança se justifica
Do salão de diversão
Só a saudade fica
Da gente do coração*

Musicada por Nelcy De Vargas e a cantoria de Fábio Pereira e seu pai na segunda voz, Miguel Pereira.

Bem Campeiro

Musicada por João Dos Santos

*Aprendi a cevar mate
Ainda muito pequeno
A tropear de madrugada
Me molhando no sereno
Nesta vida da campanha
Me defendo mais ou menos*

*Tenho a mão calejada
De Tanto jogar meu laço
Quando um boi se desgarra
Uma nova armada eu faço
Pois laçar pra mim é farra
No lombo do meu picaço*

*Da tropa nunca me perco
Mesmo quando estou sesteando
Deixando um rastro de esterco
O gado some pastando
E a peonada fecha o cerco
Quando o sol vai se deitando*

*Pra mim cheiro de esterco
É perfume da campanha
Fome não me dá aperto
Me rebusco a pão com banha
E tenho um coração aberto
Pra china que me acompanha*

*Se eu não fosse riograndense
A vida não tinha graça
Seria um pobre vivente
Num velório sem cachaça
Ou um cachorro sem dente
Ou um cavalo sem raça*

*Sou gaúcho bem campeiro
Criado na invernada
Pra laçar sou bom parceiro
Vou ao fim da madrugada
E o vagalume é o candieiro
Alumiando minha estrada*

A Marcello Francisco Galli

Nesta minha existência, tive a oportunidade de conhecer diversas pessoas, e muitas delas deixaram lembranças tão boas, verdadeiros atos de bondade que eu lembro até hoje e jamais vou esquecer delas. Dentre elas está o Sr. Marcello Francisco Galli que conheci no início da década dos anos sessenta.

Seriam necessárias muitas páginas para descrever o conceito que tenho dele. O Seu Marcello nos deixou no dia mas esta homenagem ele recebeu em vida razão pela qual não consta a observação in memoriam Assim, escrevi em versos um pouco sobre a vida dele.

*Eu queria voltar ao passado
Nos idos de antigamente
Noite e dia tenho lembrado
Eu conheci tantos viventes
Muitos já do outro lado
E outros aqui presentes*

*E neste meu reviver
O pensamento voa
Feliz posso dizer
Eu vi tanta gente boa
Pessoas de bom proceder
Não passaram a vida a toa*

*E no tempo do ferro, moldado a martelo
Que a história nos relata
Nascia um homem de nome Marcello
Nos fundões de Nova Prata
Mil novecentos e vinte e nove o ano
Trinta de novembro a data*

*Aos nove anos, órfão de mãe e pai
Primeiro golpe do mundo
Mas quem é forte não cai
Nem vacila um segundo
E de carroça ele se vai
Pra região de Passo Fundo*

*Na escola do mundo um aprendiz
E trilhou a boa trilha
Merecido foi feliz
Casou com Lourdes e fez família
Foi assim porque Deus quis
Teve lindas, sete filhas*

*Nika, Fátima, Circe e Délcia
Dirce, Carmem e Alessandra
Onde a beleza excelsa
Fez morada em ciranda
E a simpatia se exalta
Com o amor que abranda*

*Suas mãos, ferramentas em par
No trabalho calejadas
Se pôs na terra a plantar
Em colheitas arriscadas
E com o tempo a passar
As esperanças renovadas*

*Pelos patrões, disputado
Pois era de toda a confiança
Foi capataz e agregado
Em muitas de suas andanças
Deixou um grande legado
Eternizado em lembranças*

*Uma expressão de bondade
No seu rosto transparece
Um sujeito sem vaidade
Bem sabe quem o conhece
Aos noventa anos de idade
Muito carinho ele merece*

*Somente em pensar
A saudade já nos dói
E quando DEUS te chamar
Partirá um pai herói
Mas na memória vai ficar
O Homem bom que você foi*

Eu e o Joanico

Joanico era um jeito especial que os conhecidos usavam quando a ele se referiam, na verdade o seu nome era Jânio Bortoletti, residente na rua Eduardo de Brito na vila Annes e pessoa muito conhecida e bem quista. Jânio era o meu protetor quando eu tinha a idade de 13 para 14 anos e vez por outra acompanhava ele em alguma noitada no bairro Xangri-lá. Era ele que intercedia junto aos brigadianos por ocasião de alguma patrulha que mandava a piazzada atrevida embora, porque lá não era lugar para estar com aquela idade. Muitos fatos deste escrito, fizeram parte da minha juventude.

*Quando o lobo vai à caça
Vai movido pela raça
E um guri metido a homem
De amor sentindo fome
Bandeia-se pra fuzarca
Pra mostrar que já tem marca
De batismo no meretrício
E se atolar no honrado vício*

*Um sábado a tarde, bem perfumado
Se ia um piá apressado
Em direção a xangri-lá
Seu amor estava lá
À custa de algum dinheiro
Corria pra ser o primeiro
E não dar uma de potro
Pisando no rastro de outro*

*Mas a alegria durava bem pouco
Tristonho, e no dinheiro pitoco
Restava só pra passagem
Pra retornar da bobagem
Que arrependido havia feito
E agora só tinha um jeito
Trabalhar a semana de novo
Pra dar bóia aquele povo*

*E quase ninguém entende
Porque um gaúcho se rende
Ao piscar de uma china
Que carrega a triste sina
De vender seu pobre corpo
Com o amor já quase morto
Na vida triste que leva
Num mundo de pura treva*

*De noite, ia eu e o Joanico
Ele era amigo dos milico
E da Tia Carula também
Que a todos tratava bem
Se alguém não se comportasse
Ela pedia que se retirasse
Ou que mudasse de jeito
Porque o lugar lá, era de respeito*

*Assim cheguei no meretrício
Pra satisfazer o meu vício
Na casa, a china na frente
Com seu olhar de serpente
E me rendi ao descaminho
Do seu torpe carinho
No mais louco frenesi
A embriagar este guri*

*Quando entrei no bordéu
Já fui tirando o chapéu
Pois era esta a regra
Na casa da viúva negra
Que com seu corpo de sereia
Me enredava na sua teia
E me largava abichornado
Com o bolso esgualgado*

*No lusco fusco, quase escuridão
O soldado de prontidão
Queria logo a peleia
E enquanto eu tirava as meias
Olhava bem para as ancas
Daquela linda potranca
Preparando-se pro trote
Pois era este o seu dote*

*Depois da fome saciada
Olhei ela escabelada
Pelo esforço no trabalho
Que pra sociedade, quebra um galho
E com certeza não minto
Que ainda impera um instinto
Por certo muito animal
Neste quëra metido a tal*

*Mas com o passar dos anos
A coleção de desenganos
Encheu a taça da amargura
E logo fiz uma sepultura
Pra aquele passado sombrio
E pro veneno do desvairio
Que a china joga na gente
Fazendo voltar novamente*

*Certa vez numa noitada
Eu encontrei a coitada
Cancheira velha da vida
Hoje triste arrependida
A arcar com alto imposto
De muitas rugas no rosto
Pobre herança que restou
De um tempo triste que passou*

*Hoje sou um pobre peão
Pealaram meu coração
Foi no clube vera cruz
Que encontrei uma luz
Pra iluminar meu caminho
E me fazer um carinho
E há muito me convém
A Zilda, que quero bem*

*Que o destino nunca amargue
E ela nunca me largue
Não quero ser obrigado
A retornar ao passado
Nem que seja de relancina
Porque hoje já não tem china
Como era antigamente
China, china, mas...era gente*

Lida Campeira

*Eu voltei pra rever-te Rio Grande
Há muito eu tinha te deixado
E por mais distante que eu ande
De você sempre tenho lembrado
A tua fama bem sei, é grande
E vai além de qualquer alambrado*

*E agora me vou a fronteira
Pra fazer o que é do meu gosto
Levo junto uma prenda faceira
Pra esquentar a invernia de agosto
E reviver toda a lida campeira
Até o suor escorrer no meu rosto*

*Vou castrar, fazer charque e domar
De repente alguma tosquia
No pilão ainda quero socar
Ervá buena pro mate do dia
Quando penso começo a chorar
Tudo isso me causa alegria*

*Vem dos tempos de antigamente
O bom gosto das coisas do pago
Ser campeiro me deixa contente
Pelos bons costumes que trago
E me orgulho de ser um vivente
Filho deste torrão abençoado*

Jeito de Gente

Musicada por João dos Santos

*Muita gente já conhece
Este meu jeito de gringo
E o meu rastro que parece
Com as pegadas do meu pingo
Quando ia com minha gaita
Prás festanças de domingo*

*Onde piso deixo o rastro
Que tem marca de ranilha
Parece que tenho casco
E na cintura uma cilha
E até um capim eu masco
Quando cruzo nas coxilhas*

*Já cansei de passar o pente
E as melenas só pra cima
Até parece que eu tenho
Na cabeça alguma crina
E este meu tipo bem chucro
Só com a morte se termina*

*De tanto lidar com os bichos
Até mudei de modo
Mas sou índio bem gaúcho
E por nada me incomodo
Vejo uma baia de luxo
E ali mesmo me acomodo*

*Hoje eu tô cheio de mágoa
E saudade duma prenda
Que eu troquei por uma outra
Numa festa na fazenda
O sofrimento não dá trégua
E o erro não se remenda*

*Vou vivendo tipo bicho
E não me sinto contente
Isso dói pra um gaúcho
Me dou conta de repente
Vou fazer força de macho
Pra garrá JEITO DE GENTE*

Ao Grande Acordeonista Miguel Pereira

Homenagem que faço a esse amigo de muitos anos.

*Na minha existência atual
Muitas pessoas conheci
Algumas delas sem igual
E tantas já esqueci
Mas uma muito especial
Tal qual outra não vi*

*Há cinquenta anos conheço
Eu ainda era um guri
Lembro até do começo
Do namoro com a Fani
De uma família de apreço
Com a qual eu convivi*

*Palavras certas não achei
Para fazer a descrição
Mesmo assim arriscarei
E do fundo do coração
Sincero eu falarei
De uma pessoa com gratidão*

*Um homem de grande valor
Honesto e de qualidade
De exemplo um trabalhador
E de muita hombridade
De resto gaiteiro e cantor
E benfeitor da humanidade*

*Tal qual um soldado de alerta
Ao toque de um clarim
Uma coisa é bem certa
Ele sempre está a fim
De tocar sua gaita esperta
Afinada nos tim tim*

*Quem conhecer o Miguel
Em seguida já descobre
Que o mal não tem quartel
No coração de um homem nobre
Amigo sincero e fiel
Vale ouro, mais que cobre*

*Quando pega a cordeona
A alegria se desata
Quem namora se apaixona
Pra casar já marca a data
Ouvindo a gaita chorona
Nas mãos do GRANDE TIATA.*

*Vou fazer uma simpatia
Com água frutas e mel
Misturar com alegria
E Pedir ao Deus do céu
Pra que nasçam todos os dias
Homens qual o MIGUEL*

Parteira de Campanha

Aqui descrevo alguns detalhes sobre a vida da Sra. Albertina Leal Vianna, filha de um casal de uruguaios, nascida em 31.01.1931 no município de Jari, no RS, ela nos deixou em 22.10.2020 aqui em Passo Fundo.

Dona Albertina casou-se com o Sr. Aristides Lourega Vianna e passou a residir em Santa Tecla, interior do município de Tupanciretã, no RS. Além das atividades domésticas, também exercia a função de
PARTEIRA DE CAMPANHA.

Escrevi em versos um pouco do que ela descreveu para mim.

*A noite, tenebrosa
O minuano açoitava os campos
Não se viam pirlampos
O galpão, sem prosa*

*De repente, um relincho
Um grito no escuro
Alguém estava em apuro
Era cavalo com gente
Frente ao rancho*

*Seu Tidinho levantava
Acendia o pequeno lampião
E com seu pequeno clarão
A porta do rancho abria*

*Acostumado com a lida
Dizia, a Albertina já vem
E o Tobiano também
Vou colocar a encilha*

*Era meia noite passada
Lá se ia aquela Santa
Que a qualquer hora levanta
Para mais uma jornada*

*As vezes na escuridão
O caminho pouco enxergava
O Tobiano lhe guiava
Mas cumpria a missão*

*Ao chegar num ranchinho
Pedi água morna e uns cueiros
E façam isto ligeiro
Pois vai nascer rapidinho*

*E sob a luz do candieiro
Fazia doce massagem
Pra ajudar na passagem
Pelo santo nascedouro*

*E assim foi a vida
Da saudosa, Dona Albertina
Que após sonhos de menina
Dedicou-se a esta lida*

*Vou lembrar a vida inteira
Da minha mãe eu ouvi
Que eu também nasci
Pelas mãos de uma parteira*

*Eu arrisco a dizer
O saber, era a manha
Da PARTEIRA DE CAMPANHA
Ajudando alguém nascer*

*Que o Santíssimo Criador
De misericórdia infinita
Dê uma morada bem bonita
A quem tem coração de amor*

Passo Fundo

Letra: Cesar Augusto de Cesaro e Prof. Welci Nascimento

Música: Miguel Pereira

*Ildefonso velha linha semeou uns povoados
Ranchinhos beirando trilhas muito perto e separados
E assim POVINHO VELHO juntou almas deste mundo
Aos poquitos se formou o embrião de PASSO FUNDO*

*Irmanando muitas raças o povoado foi crescendo
Com negros e portugueses já na terra trabalhando
Alemães e italianos em seguida vão chegando
E judeus e libaneses por aqui se aquerenciando*

*E há muito já se sabe que andantes deste mundo
Já matavam sua sede nas águas de PASSO FUNDO
Cascatas, pinheirais e fontes de boa aguada
Refrescava os animais e o calor da gauchada*

*Veio o tempo farroupilha, farrapos aqui passaram
Cruzaram estas coxilhas, lembranças aqui ficaram
Vieram padres jesuítas, despertar a nossa fé
Era a missão divina, na terra de Guaraé*

*Forjada ao rigor dos anos num tempo xucro de outrora
Com CENTO E SESSENTA ANOS, marco firme na história
Era a rota dos tropeiros pelo passo que era fundo
Que vaqueanos bem matreiros batizaram PASSO FUNDO*

Herói da Estrada Esquecido

Esta música é uma homenagem a todos os motoristas do nosso querido Brasil, e do mundo, que transportam remédios, alimentos, pessoas, e tudo o que precisamos para viver, sem vocês faltaria tudo.

*Motorista da mão calejada
Dia e noite rodando na estrada
Leva junto contigo o progresso
E trás no regresso saudade da amada
Tinha um tempo que só tinha o toco
E o truque veio bem depois
A carreta matou esses dois
Tomou conta da carga pesada
E o teu braço bem forte e peludo
Guiou isso tudo e tu dando risada*

*Na batalha de um tope de serra
Ronca alto o motor do possante
Vai tremendo o chão desta terra
E o Herói segue firme por diante
Viaja a noite até o dia clarear
Ansioso a cumprir a missão
A alegria é maior ao voltar
E matar a saudade
É a felicidade do seu coração*

*E de um tempo de antigamente
A lembrança ficou registrada
A Julieta do Alfa Romeu
Tinha mais de quinze pneus
Hoje volta chamada Bi-trem
E não tem pra ninguém
Na carga pesada.*

*Motorista motorista
Que Deus te estenda um véu
Faça uma estrada da terra pro céu
Pra poder viajar protegido
Este herói da estrada esquecido.*

Mãe Linda e Amorosa

*Manancial de vida, eterno
E fonte de puro amor
Me aqueceste no inverno
Me deste muito calor
Oh! Santo ventre materno
Divina obra do Criador*

*O dia já passou
Muitas mães já passaram
A saudade ficou
As lembranças restaram
Teve mãe que tanto amou
E os filhos a abandonaram*

*Mãe, ainda a tenho
Seu coração palpita
Rosto gélido e risonho
Na vida, inda acredita
Ainda vive o sonho
De ficar mais bonita*

*Mãe linda e amorosa
Sei que gostas de mim
Tu és linda e carinhosa
Tens alma de querubim
Tu és flor muito cheirosa
Como é bom te ver assim*

*Hoje sinto o som do vento
No arvoredo roçando
Enquanto que folhas murchas
Rolam tristes pelo chão
O teu outono está chegando
Sinto o cheiro de solidão*

*Tens muito amor pra dar
Sem pensar em receber
Teu inverno vai chegar
E é assim que tem que ser
Mas... teu morrer não será
Um morrer por morrer*

*Oh! Santíssimo Deus
Que deu a ti esta missão
Abençoe os filhos teus
E estenda a sua mão
E te leve morar no céu
É grande o teu galardão*

A Boiada

*Me criei fazendo verga
No coice de um arado
Com a poeira nas enxerga
Subindo do chão lavrado
Um gaúcho não posterga
E o plantio tá semeado*

*E saí andando a pé
No meio de uma quiçaça
Me lembrei do Jaguaré
E também do boi Fumaça
Com a junta desses bois
Não há o que eu não faça*

*Encontrei a velha canga
De lombo ainda seboso
Recordei do boi Pitanga
E também do boi Barroso
Bebendo água da sanga
E o pelo suado e lustroso*

*Esta história já é passada
Que pena não volta mais
Pra rever a gurizada
Do meu tempo de rapaz
E ver de novo a boiada
Que hoje não vive mais*

Cordeiro Tosquiado

*Relembrando o passado
Quase pego a chorar
Na epopéia farroupilha
Começamos a lutar
E estamos na mesma trilha
Tentando nos libertar*

*Muitas coisas não compreendo
E nunca vi como este fato
Meu estado hoje está sendo
Um boi menor que o carrapato
E o gaúcho padecendo
No mais triste desacato*

*Pobre querência do sul
Já de lombo pisoteado
Sob este céu azul
Qual cordeiro tosquiado
És celeiro de uma pátria
Que a ti muito tem negado*

*Ver o Rio Grande domado
Não aceito e não creio
Este pampa é um potro bravo
Nunca vão botar arreio
E não pode ser escravo
O teu povo altaneiro*

*Gaúcho levante a lança
E monte no minuano
Percorra a tua estância
Como um potro aragano
E ponha além da fronteira
O espólio dos tiranos*

Vou Prá Pindamonhangaba

*Eu não posso compreender
O que aconteceu comigo
Pois perdi minha mulher
Para o meu melhor amigo
Seja lá o que DEUS quiser
Não aguento este castigo*

*Não pensei que a paixão
Me judiasse deste jeito
Maltratando o coração
Que bate forte no peito
Vou embora do sertão
Esta vida eu não aceito*

*Vou pra Pindamonhangaba
Vou rever o meu amor
Lá minha saudade acaba¹
E eu não sinto tanta dor*

*Eu não posso compreender
Porque o mundo é assim
Muita gente a sofrer
Sem saber se vai ter fim
Pra continuar a viver
Quero uma mulher pra mim*

¹ Estribilho

*Tomara que o luar
Ilumine a minha estrada
E assim possa me guiar
Em direção a minha amada
Lá chegando eu vou matar
Esta saudade malvada*

O Sanfoneiro da Mata

Esta letra foi escrita a pedido do meu Amigo, Orlando Badzinski
para descrever uma viagem feita pela Argentina e Uruguai.

Musicada por ele mesmo.

*Quando vejo minha sanfona
A saudade me maltrata
Pego ela e toco um pouco
E a alegria se desata
E relembro os velhos tempos
Do Sanfoneiro Da Mata*

*Com este meu acordeom
Já mostrei quem é que eu sou
Tirando o mais lindo som
Que jamais se escutou
Num compasso missioneiro
Que muita gente dançou*

*A vida boa que eu levava
Invejava à muitos homens
Pois toquei em Guarapuava
Na Argentina e em Canelones
E nos bailes que eu tocava
Juntava até lobisomem*

*Nestes bailes que animei
Podem crer no que lhes digo
Junto comigo levei
Daniel Busch meu amigo
Mais o compadre Lagoa
Que não conhece perigo²*

*Um baile muito buenacho
Mais lindo do que ciranda
Treze prendas e treze machos
Vindo do Lalau Miranda
Era o piquete de guachos
Como o figurino manda*

*Se acaso eu morrer tocando
Atendam o meu pedido
Junto comigo enterrem
Meu instrumento preferido
Pra que lá do céu escutem
Este gaitreiro querido*

² inclusive

Bigode com Erva

Esta letra, foi escrita, inspirada em uma frase pronunciada na ocasião de uma mateada na sede campestre da AFCEEE, lá na usina do Capigüi, por um colega de trabalho, pessoa muito bem quista dentro da CEEE, tinha um jeito muito especial de tratar as pessoas, e era muito estimado pelos seus subordinados.

A você, “JOSÉ NAPOLEÃO RODRIGUES DE MELLO”
desejo que esteja muito feliz aí na querência eterna.

*Certa vez fui num fandango
E fui muito bem pilchado
Pra ver se ali encontrava
Uma prenda do meu agrado
Pois já vem de um bom pedaço
Que eu não ando acompanhado*

*E assim cheguei num salão
O baile já começado
E um gaiteiro muito bom
Com a gaita firme nas mãos
Tocava um bugio largado*

*Pela metade do baile
Vi uma moça de encarnado
Quando ela me olhava
Eu me sentia admirado
Por aquela linda flor
De rosto tão delicado*

*Ajeitei bem o meu lenço
E me fui pra aquele lado
Fiz um convite pra dança
O que já era esperado
E em seguida eu já dançava
O tal de bugio largado*

*Tava amanhecendo o dia
Me deram um mate espumado
Mas a bomba muito curta
Meu bigode encheu de erva
E ficou verde igual gramado
Fiquei rindo e mateando
Com a chinoca do meu lado*

*Quando terminou a bailanta
Saí de lombo suado
Com a prenda na garupa
Tive o sonho realizado
Um cavalo bom de freio
E prenda linda de seio
É coisa do meu agrado*

Bebida Nobre do Pago

*Hoje a lida é no campo
porque o dia tá de jeito
já não vejo os pirilampos
E o sol bate no meu peito
Pro trabalho me destranco
Vou aprontar o meu eito
O patrão sente um espanto
E se mostra satisfeito*

*Quando chega a tardinha
Me recolho pro galpão
Na minha cuia bem sequinha
Eu preparo um chimarrão
A erva é bem verdinha
E foi batida no pilão
Dou um grito pra Chiquinha
Vir pra perto do fogão*

*Na campanha é assim³
Pra mim tá louco de bom
Eu sou o mestre da lida
E o patrão que dá o tom*

³ Estribilho

*Bebida nobre do pago
Que me aquece ao coração
Te prefiro em vez de um trago
Tu não me tira a razão
E gosto muito do afago
Da cuia quente na mão
Enquanto acendo o meu palheiro
Rodopiando um tição*

CTG Porteira da Tradição

Escrito a pedido de um amigo meu de nome Artur Drehher
Simões para evidenciar o retorno do CTG Porteira Da Tradição
de Mato Castelhana.

*Antanho orelhana
Renasce agora num retovo
Plantado no chão pampeano
Pra alegrar nosso povo
Quem matear sob o teu teto
É certo, vem de novo*

*É mais um raio de luz
Do sol da nossa tradição
Que brilhando nos conduz
A grandeza deste chão
É como o ouro que reluz
Numa aliança de união*

*Tendo o céu na cor de anil
Nosso chão verdeja em flor
Com sorriso primaveril
As prendas cheias de amor
Fazem no inverno hostil
O gaúcho sentir calor*

*Enquanto o sol é dourado
É prateado o luar
Gaúcho venha pilchado
Pra todo mundo te olhar
Que a prenda tá no tablado
Te esperando pra bailar*

*Que tremule a tua bandeira
Bem no alto do mastro
É sempre aberto “ O Porteira ”
Pra que sempre haja rastro
Da peonada campeira
E dos potros soltos no pasto*

*Que se junte a gauchada
Não importa a procedência
Numa tertúlia eterna
Pelo bem desta querência
A ensinar a gurizada
Que tradição é ciência*

*Viva Mato Castelhana
E o “PORTEIRA DA TRADIÇÃO”
Que bem longe ecoe
O relincho do alazão
E que o patrão grande abençoe
O renascer deste galpão*

Rio Caminho de Balseiros

Musicada por Reinaldo Gregório na voz de Efrei Dano

*Que o Rio Grande agradeça
Ao belo rio Uruguai
Que molha a sua cabeça
E pra bem distante se vai
A viver noutra querência
Igual a um filho sem pai*

*Não machuquem este rio
Que dá comida pra nós
Alimenta o poverio
Da nascente até a fôz
E água sempre garantiu
Até na seca mais atroz*

*No meu peito sinto mágoas
Lendo a história desta terra
Sabendo que em tuas águas estribilho
Fizeram palco de guerra*

*Rio caminho de balseiros
Quando vem a grande cheia
Engolindo os pesqueiros
Nos lados que tu margeia
Na junção com teus parceiros
Ouço o canto da sereia*

*Pelo pampa missioneiro
O teu rastro se faz longo
As vezes tu fica ligeiro
Anunciando mais um tombo
E o dourado bem faceiro
Salta relampeando o lombo*

Tributo aos Amigos

*Medalhas troféus e honrarias
Com muito suor conquistei
Minha vida se encheu de alegrias
E alegrias a muitos eu dei
Minha gaita sempre levando
Em festa e rodeio eu vivia cantando*

*Mas depois de um tempo na cidade
A tristeza mudou o meu jeito
Eram cheios de muita maldade
Uns amigos que eram do peito
Eram amigos da minha cordeona
E na minha destreza pegavam carona*

*E depois de um bom tempo de vida
Revisei a minha situação
Fui contar os amigos que tinha
E não deu pra fechar minha mão
Os convites que vinham hoje já não vem
E eu tô com vontade de tocar também*

*E os poucos amigos que tenho
Considero que nem meus irmãos
Pois na hora do aperto e perigo
Eles sempre me deram as mãos
E enquanto esta vida durar
Pros queridos amigos vou sempre cantar*

*E agora de cabelo branco
Já sentindo o peso da idade
Meus amigos eu falo bem franco
E agradeço a sincera amizade
Quem me dera viver eternamente
E dar meus troféus pra vocês de presente*

Uma Canção à Passo Fundo

Letra musicada pelo Musico Nelcy De Vargas

*Salve salve esta linda cidade
Um recanto feliz deste mundo
Ainda jovem e na mocidade
Mas já é grande o meu Passo Fundo*

*Esmeralda do grande planalto
Que os bandeirantes não viram jamais
Os corações aqui batem mais alto
E as pessoas se amam muito mais*

*De tudo o que é bom és celeiro
De cultura, saúde e de arte
O teu povo feliz e trigueiro
É vanguarda e um grande estandarte*

*Vejo filhos de outras terras
Amparados por ti Passo Fundo
Irmanados em tempos de guerra
E se foram lutar pelo mundo*

*Ao cantar o teu hino inteiro
O meu peito enche de emoção
Vou içar bem alto e ligeiro
O teu pavilhão.*

O Trabuco do Pedro

Essa é uma história verdadeira, a mim relatada pelo amigo e colega na saudosa C.E.E.E. Abrelino Menegol que apesar de ter sido uma brincadeira, feita pelo saudoso Pedro Assis Do Amarante, pois o mesmo andava com um trabuco na cintura, e era muito pesado, fato este ocorrido no CTG Dom Luis Felipe De Nadal lá pelo ano de 1988.

*Vou contar de um trabuco
Nunca vi uma coisa igual
Na cintura de um matuto
No Dom Felipe De Nadal
O revólver é tão pesado
Que entorta até o semblante
E faz caminhar oitavado
O Pedro Assis Do Amarante*

*Este canhão eu garanto
Que digo o peso e não erro
Pode até causar espanto
Mas dá uns três quilo de ferro⁴
Quando vejo aquele berro
Quase que me dá um chilique
mas com ele tem respeito
No salão do Dom Felipe*

4 pesa 3,1 kG

*Quando o Pedro dá um tiro
Salta um metro pra traz
E o lampião desaparece
Na fumaça que ele faz
E cada vez que ele detona
Um derruba, já defunto
E no coice forte que dá
O atirador derruba junto*

Aliança Divina

*Eu me fui pras pulperias
Bem faminto de carinho
Já faziam muitos dias
Que eu andava tão sozinho*

*Achei você morena linda
Tu me encheu de emoção
A tristeza agora finda
E foi embora a solidão*

*São teus lábios delicados
Como pétalas de rosa
E os meus olhos marejados
Ao te ver tão amorosa*

*Um convite eu te faço
Por favor case comigo
É sincero o meu abraço
E te protege do perigo*

*Tu tens olhos que cintilam
Como estrela lá do céu
Parece os dias não terminam
Quero te ver num véu*

*Eu vou fazer um jardim
E bem no meio um altar
Você sorrindo pra mim
As flores perfumando o ar*

*Numa aliança Divina
Contigo vou me casar
O moça doce menina
Pra sempre eu vou te amar*

*Meu coração quero ver
Batendo junto do teu
Felizes nós vamos ser
Na bênção que Deus nos deu*

*Porque dinheiro, prata e ouro
Nada disso eu vou querer
Você é o meu tesouro
Vou amar-te até morrer*

Eu e o Delegado

*Certa vez, um belo dia
Faceiro estalei os dedos
E saí sem correria
Pra vila do chinaredo*

*Me dou bem com as gurias
Trato elas com respeito
E ouvi delas certo dia
Que sou um homem direito*

*Mas pobre é azarado
Não demora e já se embrulha
Logo vi um delegado
Comandando uma patrulha*

*Não gostei da autoridade
Já com a arma na mão
Pois revólver só se puxa
Pra bandido e ladrão*

*Era um tal de Serafim
Me fez primeiro da lista
Logo olhou pra mim
Mandando passar revista*

*Disse, então quer dizer
Que você é homem chegado
A mulheres de mau proceder
Em ambiente desonrado?*

*Desonrado, lhe digo não
A sociedade é igual
Elas estão ganhando o pão
E a ninguém fazendo mal*

*E me desculpe o Senhor
Eu não posso compreender
Até senti uma dor
Quando vi o Senhor dizer
Que quem me deu carinho e amor
Seja de mau proceder*

*E eu um homem pacato
Na mira de um trinta e oito
Lancei o meu desacato
Assustado e afoito*

*Guarde esta porcaria
Pois não tem necessidade
Assustou até as gurias
Abuso barbaridade*

*Agora vou te prender
Me disse por trinta dias
Se referiu ao meu revólver
Chamando de porcaria*

*Pois chamei de porcaria
E não digo isto à toa
O que é feito para tirar a vida
Nunca vai ser coisa boa*

*O homem perscrutou
Ficou sem razão na hora
Quantos o revólver matou
Quanta viúva hoje chora*

*Cabisbaixo olhou o chão
E a arma logo guardou
Me olhou com olhar Cristão
Que muito me impressionou*

*E com um rosto de amigo
A mão me estendeu
E periga até lhes digo
Uma lição aprendeu*

*Desculpem, fui atrevido
Esta lida me judia
Há pouco prendi bandido
Que até me deu agonia*

*Eu cheguei aqui nervoso
É coisa da profissão
Mas não fique rancoroso
Eu até peço perdão*

*O resto da noite eu dancei
Um dia feliz, do passado
E por bem ainda fiquei
Amigo do delegado.*

Cor do Luar

*Escutem a história triste
Que eu vou contar
Talvez bem antes do fim
Eu venha a chorar
Casei com uma linda mulher
E foi por amor
Ela jurou, disse vou te amar
Por onde tu for*

*E toda a felicidade
Que um homem quer
Sempre vai depender
De uma mulher
Mas o destino surpreendeu
E foi traiçoeiro
Ela foi embora
Viver com outro
Que tinha dinheiro*

*E hoje com o cabelo
Na cor do luar
Eu vivo a esperança
De ela voltar
Meus olhos ficam marejados
E cheios de água
E o coração dolorido
Mas não tem mágoa*

*Agora vou pedir ajuda
Na vara cível
E lá vou processar
Este amor impossível
Tomara que o Sr. Juiz
Decrete a nossa união
Contrariando os outros processos
De separação.*

*E se um dia ela voltar
Alegre vou lhe dar as mãos
Porque volta ao meu lar
A dona do meu coração
E feliz vou lhe abraçar
Porque amar
É não ter jamais
Que pedir perdão....*

Para Thalia

As motivações para a gente escrever algo são muitas e essa é um caso muito especial. Eu estava prestando serviço a empresa Semeato S/A no ano de 2006 e tive que dirigir-me a uma das unidades fabris, fábrica VIII onde fui recepcionado pela funcionária Thalia Scherer Cardoso. Bem, a recepção que tive e o tratamento a mim dispensado foi marcante devido a atenção, presteza e preocupação com as regras da empresa. Depois de atendido saí com a imagem de uma funcionária NOTA DEZ. Elegância, postura respeitável e atenção especial para o assunto em pauta. Ao saber que Thalia era filha de um casal maravilhoso, Telmo Ribas Cardoso, meu amigo de infância e a simpática Jocélia Scherer Cardoso, resolvi escrever algo para descrever a imagem que tenho da Thalia, hoje empresária de destaque na sociedade passofundense. Receba com carinho.

*Ei! Você infinito
Me conte teus segredos
Teus enredos
Que eu acredito
E você, firmamento
Com estrelas tão belas
Encantamento*

*Vocês me intrigam
Onde um vai
O outro vai
Mas onde, me digam
Estamos aqui na terra
Onde vamos
Não sabemos
Tem muita guerra*

*Deus tudo criou
Na perfeição
Com satisfação
A nós doou
É pura sublimação
Um coração cheio de amor
Como rosa em esplendor
Enche a todos de emoção*

*Na obra do criador
Um coração palpita
Oh moça dulcita
Fruto célico do amor
Ao bimbalharem os sinos
As estrelas lá do céu
Brilharão no teu véu
E te cantaremos hinos*

*O sol vem ao dia
A noite é vez da lua
Lembro a imagem tua
Com olhar de alegria
Um caminhar elegante
Oh beleza singela
És linda donzela
Divino semblante*

*No mundo os jardins
Se orgulham das flores
A perfumarem amores
E harpejos de querubins
Que linda flor existia
Eu não à conhecia
Se eu der nome a simpatia
Divinamente será.....*THALIA.**

O Baile da Poeira

Musicada por Ariane Marques e Davi Reginatto

*Quando abro a minha gaita
Todo mundo sai dançando
Animando a bailanta
Prendas lindas vão girando
E a poeira que levanta
O candieiro vai tapando*

*Este é o baile da poeira
Ninguém vem de roupa branca
No balanço da rancheira
Vai secando a garganta
E as prendas molham as meias
Com o suor que cai das ancas*

*A poeira que tá no ar
A tudo deixa moreno
E fica brabo de dançar
Num salão muito pequeno
E quem não souber bailar
Que vá dançar lá no sereno*

*Mas que baile poeirento
Eu já tô de lombo ardido
E quase que não aguento
O sapatear no chão batido
Me alivia um pouco o vento
Da rodada de um vestido*

*A minha gaita é fole branco
Vai bufando e dando o tom
E ninguém fica nos bancos
Porque o baile é muito bom
E é tanto pó que me espanto
Com o fole que tá marrom*

Orgulho e a Vaidade

Letra esta musicada pelo musicista Nelcy De Vargas.

*Poderosa Fazendeira
Num rodeio se exhibia
Pra ver a fazenda inteira
Se viajava todo um dia
E o gado que criava
Para o mundo exportava
E sempre mais enriquecia*

*Um cavalheiro bem vestido
Assentou-se no seu lado
Era um homem divertido
Bem na vida e tarimbado
E escutando ela falar
Esperava um olhar
Da criadora de gado*

*Num relance ela olhou
Pro sujeito ali sentado
Em seguida já esnobou
Lhe chamando de coitado
E falou alto e bem ligeiro
Tem que ter muito dinheiro
Pra sentar-se do meu lado*

*Tua conversa não me afronta
Disse o homem com entono
O banco da tua conta
Pois eu que sou o dono
E uma coisa eu te garanto
Lá você me deve tanto
Que eu já tô perdendo o sono*

*Com o laço que levou
Lá se foi a poderosa
Em seguida se mandou
Não quis mais saber de prosa
Aprendi na minha vida
Que a pessoa exibida
Só tem o cheiro da rosa*

*Considero duas chagas
O ORGULHO E A VAIDADE
Essas duas grandes pragas
Arrastando a humanidade
Se não for pedir demais
Peço a Deus com muita calma
Que ilumine a nossa alma
E de nós tenha piedade*

Baile na Mata

Isto foi escrito com base em uma oportunidade, durante uma viagem com o nosso saudoso e grande amigo, Atílio José Edgar Dorneles, em visita a sua propriedade na campanha, interior de São Borja, quando o Sr. Plínio Mena Barreto Do Amaral, o Tio Mena, em um final de tarde, calmamente estendeu um pano sobre a perna e abriu o seu bandoneom, quebrando o silêncio que se fazia quando a gritaria dos bugios dava uma trégua.

*Num fundão de campanha
O silêncio tinha voz
E um índio de muita manha
Que não andava a sós
Um instrumento lhe acompanha
E alegre a todos nós*

*Um lindo som de bandoneom
Que igual nunca se viu
Ecoou pelo horizonte
Cruzou sanga, mato e rios
E se misturou de repente
Na gritaria dos bugios*

*O Tio Mena tocava
A bugiada respondia
Avisando que chegava
Chuva no terceiro dia
E a bicharada até dançava
E pulava de alegria*

*E virou baile na mata
O Tio Mena dava o tom
Tinha bugio de gravata
Dançando e achando bom
A natureza era grata
Só faltava um violão*

Que nem Galo Cego

*Me pegaram a cachorro
Lá no gomo da taquara
Fui arrancado da grotta
A contra gosto e na marra
E levei da minha madrasta
Alguma tunda de vara
Mas hoje sou um gaudério
Que tem vergonha na cara*

*Sei que tenho a cara feia
Mas meu coração é doce
Uma china me pôs manêia
Com os carinhos que trouxe
Eu teria mil amores
Se muito feio não fosse
E quando vejo mulher feia
Me dá um ataque de tosse*

*Uns carinhos eu faço⁵
E pras chinas me entrego
E vou dando bicaço
Que nem galo cego*

⁵ Estribilho

*Tenho jeito de rude
Mas sou bem carinhoso
Numa taipa de açude
Eu sou ganso charmoso
Se precisar que eu ajude
Eu nunca sou preguiçoso
E talvez um dia me mude
Pro chinaredo tihoso*

Que Pecado Bão

*Chegou o fim de semana
E é tempo de diversão
Dei de mão no meu carango
E saí pelo estradão
Lá na cidade
Fui direto prum bailão
Chegando perto
Já senti a emoção
A casa cheia
Tava grande a diversão*

*Dentro da sala
Me senti um bonitão
Nossa quanta mulher linda
Fazendo sinal com a mão
Escolhi uma morena
A mais linda do salão
Sorridente ela dançava
Cheia de satisfação
E eu perguntei porque estava
Tão sozinha no salão*

*Ela me disse
Meu marido é um garanhão
Dá assistência ao mulherio
Só que deixa eu na mão
Fiquei com pena da morena
E levei pro meu carrão
Só parei quando cheguei
Na frente de um casarão
Que tava escrito MOTEL
Mate aqui sua paixão*

*Que coisa louca⁶
Ai “QUE PECADO BÃO”
Acabei dormindo
Com a mulher do Ricardão...*

⁶ Estribilho

Programa Porteira Aberta

Nestes versos simples eu relembro o programa PORTEIRA ABERTA que era apresentado pelo meu amigo João Antônio Rigo e era transmitido pela saudosa Rádio Passo Fundo, em um galpão existente junto a antena transmissora no bairro boqueirão.
Reunia uma gauchada e tanto.

*Certa feita um campeiro
Passou o dia inteiro
Procurando uma estação
Com um programa de galpão
E achou a emissora certa
Com o programa PORTEIRA ABERTA
Onde o João Antônio Rigo
Reúne o povo amigo*

*Programa de sangue puro
Não fica encima do muro
Sorrindo pra todo lado
Porque tem só um costado
Toca só o que é gaúcho
Ontem, hoje e amanhã
Seguindo o bom exemplo
Do Avelino Marcolan*

*Quero que aumente esta turma
Pra que o Rio Grande não durma
Nos pelegos do entreguismo
Que sobreviva o civismo
O mais puro amor a Terra
E se vier uma guerra
Com o meu sangue bem quente
Vou lutar pela minha gente*

*Pois saibam que este programa
A nós todos irmana
Não olha partido e nem cor
E do pequeno ao maior
É a mesma hospitalidade
Pode ser de outra cidade
Venha a pé ou no alazão
Que o rancho te estende a mão*

Ser Gaúcho

*Hoje vejo quem quer ser gaúcho
Mas não sabe o que é tradição
Numa vida repleta de luxo
Não conhece o cheiro de galpão
Exibido roncando o bucho
Arrotando grandezas em vão*

*Tem gaúchos desta querência
E outros precisando ser
O pão nobre da sobrevivência
Eles vieram aqui pra comer
E a ter tradição como ciência
Com o tempo passaram a aprender*

*E quem pensa que é um gaúcho
Que nos conte um pouco da história
Deste povo que aguenta o repuxo
Tem fama, tem brio e tem glória
Ainda ouço estampindo cartucho
Que me dói reviver na memória*

*E gaúcho sempre vai ser
Quem desta terra for filho
Tem nas veias um sangue a correr
Deste chão criador de caudilho
E do pampa nunca esquecer
Mesmo indo morar no exílio*

*Mas nunca vai ser um gaúcho
Quem desta terra se vai
Esquecendo deste chão crioulo
E dos costumes que herdou de seus pais
Perde o gosto até do churrasco
Não voltando ao Rio Grande jamais*

*E gaúchos não podem ser
Os que entregam o nosso pão
Deixando o estrangeiro comer
O trabalho das nossas mãos
Fazendo o Rio Grande sofrer
Rapinando também a nação*

*Com o tempo a palavra civismo
Vai ficar só no dicionário
Sendo igual para o patriotismo
Indo o povo parar no calvário
E sorri o poder com cinismo
Continuando a ser proprietário*

Hoje Eu Vou Encher a Cara

*Meu bem tu te prepara
Hoje eu vou encher a cara
Mas de alegria
Tô com saudade da Jussara
E do resto das gurias*

*Em todas as cidades
Onde eu passei
Muitas garotas
Eu conquistei
Fique feliz o meu amor
Foi contigo que eu fiquei*

*Lá em Joinville
E Blumenau
As moças dizem
Alles blau
Aqui no sul
É tudo bem
E você meu amooooor
É a mulher que me convém*

*Meu bem tu te prepara
Hoje eu vou encher a cara
Mas de alegria
com saudade da Jussara
E do resto das gurias*

*Mas tem lugar
Que é um riso só
A alemoada, Aqui ó
A italianada, sai tchó
E pra arrematar o verso
Vou laçar um burrichó*

No Coração da Giovana

Querida Giovana, você é uma pessoa muito especial para mim,
sou feliz em ser teu amigo.

Fiz estes versos para você guardar de lembrança e desejo muitas felicidades no teu aniversário neste dia 03.10.2016, muitos e muitos anos de vida, e que Deus te proteja sempre.

Parabéns pela simpatia que você é, continue assim, e estude sempre. De uma coisa eu tenho certeza: Você ajudará para que o mundo fique melhor. Um grande abraço deste teu amigo que te quer muito bem.

*É primavera
Na terra, linda cena
Tem flor grande, pequena
Deus, assim quisera*

*No céu, tem estrelas
Nos jardins, as flores
A perfumarem amores
Tão belas*

*Eu sei de um jardim
Onde tem uma margarida
Sorridente e muito querida
E diz que gosta de mim*

*Um pequenino coração
Meigo e doce de amor
E assim se faz maior
Numa vida de emoção*

*O amor, é um herói
Vence a todo o mal
Não existe nada igual
Vivifica e constrói*

*E ele tem morada
Vocês querem saber?
Procurem conhecer
Uma criança amada*

*A Providência Divina
Com carinho nos irmana
NO CORAÇÃO DA GIOVANA
Iluminada menina*

*Linda, parece um sonho
E por mais que você cresça
Te peço, nunca esqueça
Dos Avós Leonilda e Castanho*

*Aniversário, hoje é o dia
Desta linda menina
Uma centelha divina
Que nos enche de alegria*

*Da terra, um dia me vou
Mas levarei a lembrança
De uma linda criança
Me chamando de vovô*

Hoje Uma Estrela Brilha

Para minha primeira neta a chegar neste mundo no dia
02.12.1999, Gabriela. Hoje 02.12.2014 completando 15 anos,
a emoção é muito grande.

*Acho que vou chorar
Mas...só de alegria
Não dá pra segurar
Ao lembrar aquele dia*

*Foi em dois de dezembro
Que Deus nos presenteou
Até a hora me lembro
Da primeira vez que chorou*

*Tão meiga e pequena
Mas rodeada de amor
Por tua alma serena
A Deus damos louvor*

*Não deu pra perceber
Mas quinze anos já passaram
E você só a crescer
Muitas lembranças restaram*

*Eu lembro de vez em quando
Até me bate a emoção
Você vinha quase cochilando
Vovó, quero o caco mimão⁷*

*As estrelas do firmamento
Observam lá de cima
Admiradas com o encantamento
Do rosto desta menina*

*A Deus faço uma prece
E sou feliz por demais
És linda que até parece
Para nós, uma Edelweiss⁸*

*A Deus, eternamente obrigado
Muito alegre eu estou
Sou um homem realizado
Feliz em ser teu avô*

*Por natureza muito bela
Deus te fez com amor
Com você, Gabriela
O mundo será melhor*

*Sei que um dia partirei
Agradecido por esta vida tão bela
E a primeira neta que abracei
Foi você, querida Gabriela*

8 *linda flor dos alpes suíços*

A João Alves Castanho

*Não é fácil escrever
Pois me deram este desafio
Me pediram pra descrever
Um homem de muito brio
Bem quisto vocês vão ver
Como sombra beirando um rio*

*Em Passo Fundo ele nasceu
Família de gente querida
Aqui estudou e cresceu
Preparou-se para a vida
Na Brigada militar ingressou
E sua missão foi cumprida*

*É um taura muito especial
Que considero um bom sujeito
Homem do bem, combatendo o mal
Na sociedade bem aceito
Um trovador sem igual
Ninguém imita o seu jeito*

*Uma alma simples e amorosa
Que a brigada recebeu
Uma carreira honrosa
De brigadiano empreendeu
Um guapo de boa prosa
Foi assim que ele cresceu*

*Com a farda da brigada
Campereou um bom milico
Numa andança passada
Eral Sêco e Frederico
Comandando a milicada
Rodeio Bonito, Marau e Ciríaco*

*A família, sem cansaço
Seguia o bom coração
Porto Lucena, Três Passos
Tapejara e Sertão
Deixou amigos, muitos abraços
O nosso grande cidadão*

*Criou a trova de martelo
Junto com o Setembrino
E formavam forte elo
Na época, dois meninos
E já empastava o farelo
A quem trovasse em desafino*

*Sempre alegre e faceiro
Ensinando o aprendiz
E respondeu bem ligeiro
Só não viu quem não quis
Mostrou ao Pedro Ribeiro
Onde é que fica o nariz*

*Martelando na trova
Um grande repentista
E já levava uma sova
Quem levantasse a crista
Quem não sabe, não estrova
E nem se meta na lista*

*No Picaço Velho, Velho Picaço
Um grande compositor
Letra que abriu espaço
Para um grande cantor
E no Passo fundo, aqui no Passo
Já mostrava o seu valor*

*Na Morena Luxuosa
Ele nos presenteou
Valsa linda, harmoniosa
Que o Porca Vêia gravou
Quanta prenda charmosa
Enebria da dançou*

*Nascido no tempo de antanho
Da espora, do mango e chapéu
Uma vida de bom tamanho
Na estrada que leva ao céu
Ao Amigo JOÃO ALVES CASTANHO
Deixe pra nos teu sovêu*

Quem Dera

Neste pequeno escrito tentei ver se conseguia escrever alguns versos que insinuasse um ritmo de samba. Tenho a impressão que ficou um pouco parecido.

*Teu rastro na areia
A água apagou
Teu perfume gostoso
O vento levou
E só a tristeza
Comigo ficou*

*Quem dera
Que o mar recuasse
Teu rastro na areia
Nunca apagasse
E o vento voltasse
E de volta trouxesse
Teu cheiro de amor*

*Quem dera
Ganhar o teu beijo
Cheio de emoção
Sentir as batidas
Do teu coração
Juntinho do meu*

*Quem dera
Ouvir a tua voz
Dizendo meu bem
Abraço gostoso
Que você tem
Contigo casar
E viver feliz*

Para a Minha Neta Lois

Em 09 de Julho de 2015 escrevi:

Para a minha Neta querida, Lois, pela passagem desta data
bençoadada dos seus 15 anos.

Querida Lois, você é brilhante, já está vencendo na vida, que
Deus te proteja e ilumine os teus caminhos por toda a tua existência.

São os votos do Vovô e da Vovó.

Cesar Augusto De Cesaro

Zilda Antonina de Cesaro

*Que dia feliz eu vivi
Nenhum igual depois
Nove de julho em Ijuí
Vinha ao mundo a Lois*

*Indefesa e pequenina
Pela mãe protegida
Assim nasceu esta menina
Por nós muito querida*

*A vida se renova
A cada renascer
E você pôs a prova
Quem por ti tem amor*

*Hoje tão bela
Qual rosa delicada
Te olho da janela
Neta adorada*

*Olhar cintilante
Que a noite ilumina
Um sorriso brilhante
Da moça menina*

*Agradeço a Deus
Eternamente
Que a vida te deu
E a nós um presente*

*Em cada amanhecer
Eu levanto rapidinho
Não posso esquecer
De fazer teu chazinho*

*Na vida já tens glória
Podemos nos orgulhar
Ao ver tua trajetória
No Colégio Militar*

*E o tempo a passar
Dia após dia
E ver você voltar
Nos enche de alegria*

*Quando vai fico feliz
Muito mais ao voltar
A minha neta aprendiz
Alegre a me abraçar*

*Quando libertas para o mundo
Das amarras sem nós
Não esqueça um segundo
Do amor dos teus avós*

*As lágrimas a sair
Quando começo a pensar
Que um dia vais partir
Para os teus sonhos realizar*

Os Quinze anos da Laurem

Para a minha neta Laurem pelos seus 15 anos em
01 de Setembro de 2018

*No desabrochar de uma flor
Um perfume enche o ar
A natureza em esplendor
Que pulsa sem parar
E por onde você for
Deus vai te acompanhar*

*Que presente Deus nos deu
Uma beleza sem par
Mais feliz fiquei eu
Lembro até de chorar
No dia em que ela chegou
E entre nós veio morar*

*É pobre o meu vocabulário
As palavras que quero não vem
Talvez ache num dicionário
Aqueles que mais convém
Pra descrever em comentário
A doçura que você tem*

*No sorriso, radiosa
No olhar, cintilante
No coração, amorosa
Ativa e incessante
Serás sempre vitoriosa
Pois você é brilhante*

*Com o teu encantamento
Perdemos a voz
E lembro de cada momento
Com uma saudade atroz
Você corria como um vento
Para abraçar os avós*

*Ah meu Deus se eu pudesse
Fazer o tempo voltar
A lembrança permanece
E é lindo relembrar
O vovô nunca esquece
Do teu jeitinho de falar*

*E tem história esta guria
Eu conto uma bem certa
Ao clarear de um certo dia
Em seguida já desperta
E corre com alegria
Pra turma do sempre alerta (escoteiros)*

*Beleza, inteligência e boa vontade
Tesouros que são teus
Viva na Cristandade
É melhor, te digo eu
Serás um bem da humanidade
Pra isso você nasceu*

*Uma luz a iluminar
É da estrela D'Alva, tão bela
Admirada a te olhar
Você brilha mais que ela
Ela só quer é saudar*
OS QUINZE ANOS DA LAUREM

*Um dia irei embora
Mas que isto possa demorar
Minha alma quase chora
Somente em pensar
Eu quero estar junto na hora
Em que subires num altar.*

A Rafaela Castanho

Para a querida Rafaela pela passagem do
seu aniversário de sete anos no dia 13.10.2017.
Menina faceira, doce de coração e muito amada por todos.

*Soprem os ventos
Balancem os trigais
Murmurem cascatas
Entre os pinheirais
Cantem os pássaros
Sempre mais*

*Caiam sementes
Renasçam árvores
Saltem os peixes
Subam os rios
Desabrochem flores
Em infinitas cores*

*Oh! Orquestração divina
O maestro é o Criador
A vida nunca termina
E antevejo o albor
No rosto desta menina
É a vida em esplendor*

*Uma imagem Celina
E um meigo coração
Você nos fascina
E vou pedir em oração
Que a providência divina
Sobre ti estenda a mão*

*Tens luz e bastante
Ilumina a todos nós
Nunca fiques distante
De teus queridos avós
Até sinto um som de amor
Quando escuto a tua voz*

*Tu já és vitoriosa
Aceitou o desafio
A vida, é laboriosa
Isso, você já viu
Mas tua alma é carinhosa
O mundo já te sorriu*

*Um rosto de cinderela
05 anos já tem
Rafaela, Rafaela
Deus te fará também
Embora ainda pequena
Uma heroína do bem*

*O firmamento está em festa
E as estrelas a bailar
Harpas, violinos, seresta
Sob a luz do luar
Em homenagem que presta
A quem nasceu para amar*

Ao Hospital São Vicente de Paulo

Hospital São Vicente De Paulo, a nossa Santa Casa
de Passo Fundo, um hospital que tem amor pela vida.

*Ôh Santa Casa
Do pouso terrestre
Da alma celeste
Que habita um ser
Se aqui vens nascer
Viverás no bem*

*Casa de amparo
Com amor sem medida
Retardando a partida
Da saúde o reparo
Consolo necessário
Pra alma sofrida*

Um Humilde Monólogo à Minas Gerais

*Oh vida de surpresas
Que não se espera jamais
O destino fez surpresa
E fui pra Minas Gerais
Vespasiano primeiro
Belo Horizonte depois
Eta povo mineiro
Feliz vivendo a dois*

*Minas é terra linda
Aprecio tudo o que vejo
Fabrica a melhor pinga
E o mais gostoso queijo
Minas não é um estado
Minas é um estado
E fiquei impressionado
Com a riqueza deste chão*

*Jeito alegre e descontraído
O povo mineiro é assim
E o forró é divertido
Quando a semana chega ao fim
Eu até estou feliz
E já gosto da cidade
Com respeito eu já fiz
Uma porção de amizade*

*Mas bah tchê
O meu falar é assim
Dizem olha um gaúcho
E muitos olham pra mim
Mas onde o gaúcho vai
Acha um pouco engraçado
O mineiro falando –UAI!
Parecendo assustado*

*E para a mulher mineira
Busco versos na ideia
Bonita e trabalhadeira
Qual abelha na colméia
Tão charmosa e perfumada
Dela ninguém desfaz
Quando passa na calçada
O mineiro olha pra trás*

*E voa meu pensamento
Leva junto a minha ideia
O meu verso é um acalanto
E ofereço a Vanderléia
Logo fiz um chimarrão
Igual não há quem faça
Levei a cuia na mão
E dei uma prova pra Graça*

*A Fátima também quis
Matar a curiosidade
Provou o mate que fiz
Na lancheira Cidade
Sábado vi a Margarida
Ainda não à conhecia
Humilde e muito querida
E um rosto pura alegria*

*Conversei com dona Mara
A simpatia em pessoa
Que no mercado não para
Pois é ela a patroa
Voltou de férias a Lana
Ainda pude conhecê-la
Um sorriso que irmana
Com um nome de estrêla*

*E a quem se porta decente
A memória não acusa
E já gravei na minha mente
O jeito alegre da Jerusa
Assim fiz muita amizade
Dentro do bom proceder
Daqui levo saudade
E foi prazer lhes conhecer*

*Pelo trabalho eu vim
Mas a saudade tortura
Minha amada espera por mim
E eu aqui nesta lonjura
Termino versos em prosa
À esta terra de emoções
Minas é tão carinhosa
Chega a ter Três Corações*

*Um abraço a este povo...Mineiro, primeiro, tropeiro,
Boiadeiro, festeiro, faceiro, trigueiro, hospitaleiro,
Altaneiro....etc.*

Três Morenas

(de Minas Gerais, Vespasiano)

*São belas morenas
Do andar elegante
Sempre indo pra frente
Em noites serenas
Belezas terrenas
Tal qual um diamante
Que ficam distante
De almas pequenas*

*Um sorriso sincero
Expressão de amor
E mostram valor
No bom proceder
E o homem que vier
Conquistar seu amor
Seja respeitador
Assim vai merecer*

*Oh! Moças tão belas
Coração palpitante
Que levam por diante
Os tropeços da vida
A Michele querida
Sorrindo pra gente
Tem desejo ardente
De morar no Rio Grande*

*A linda Luciana
E a doce Fernanda
Que de aliança já anda
Com olhar que fascina
São duas meninas
De beleza singela
E mostrar a mais bela
Só a justiça divina*

*A beleza interior
Eu pude sentir
No jeito de ser
Dessas TRES MORENAS
Que como Três Marias
Enfeitam o céu
Vocês vestirão véu
Deus assim lhes destina.*

Bugio do Pé Bem Solto

*Sou nascido na cidade
E temperado na campanha
Fui criado a leite cru
E comendo pão com banha
Pra domar um potro chucro
Sou índio de muita manha*

*Meu chapéu e muito firme
Qualquer vento não o dobra
No lombo do meu cavalo
Sou muito bom de manobra
E pra cantar de improviso
Recurso tenho de sobra*

*Assim sai a campo afora
À procura de um bochincho
Bem longe uma gaita chora
Meu pingo dá um relincho
Este bicho já conhece
Até resmungo de capincho*

*Quando cheguei na bailanta
Soltei meu baio pastando
Tirei o pó da garganta
Com a canha que fui levando
Logo vi uma alpercanta
Da janela me cuidando*

*Enquanto a gaita gemia
Numa vaneira baguala
Este gaudério xuliava
Nos quatro cantos da sala
E se tiver prenda bonita
Por ela meu zóio estala*

*Sou um índio destorcido
E logo saí dançando
Pra um e pra outro lado
A prenda ia girando
E o suor que me escorria
Até a guaiaca ia molhando*

*Quando tô num baile desses
Eu nunca fico revoltado
Peço que o gaiteiro toque
O bugio do pé bem solto
E nos braços de prenda linda
Gosto de ficar envolto*

*Quando saio de um fandango
Saio sempre acompanhado
Pra mim já é tradição
Ter uma linda do meu lado
E muita festa e baile bom
já divertiram meu passado*

Sentimento de Ternura

Musicada por Ariane Marques e Davi Reginatto

*Sofre a flor aqui na terra
Chora a estrela lá no céu
Uma lágrima de prata
Veio molhar o teu véu
Nossa união já é completa
E eu não vivo mais ao léu*

*Sentimento de ternura
Que ao meu coração acalma
Acabou minha amargura
Mais feliz, vivo com calma
Sinto a paixão mais pura
A brotar da tua alma*

*Hoje o Rio Grande Parece
Um imenso coração
Que se bater estremece
Sacudindo este chão
Vamos fazer uma prece
Nos unindo pelas mãos*

*Foi embora o meu tormento
Levou junto a solidão
E graças ao firmamento
Conquistei teu coração
Com o teu consentimento
Sou feliz no meu galpão*

Pedágio de Tropa

Esta letra foi escrita por sugestão de um amigo meu de nome Jose Natalio Dreher Simões, homem criado na lida campeira, conhecedor de fatos acontecidos na nossa região de Passo Fundo e que contou este fato muito interessante.

Segundo ele, no tempo em que as tropas por aqui passavam em direção a São Paulo, era comum os tropeiros sofrerem o ataque dos indígenas, o que era um problema sério. Para isto existia uma pessoa de nome José Domingues na porteira do Povinho Velho, bem perto do aeroporto Lauro Kortz em Passo Fundo.

O Sr. José Domingues cobrava um pedágio dos tropeiros e ia na frente da tropa com um penacho vermelho na cabeça e acompanhava a tropa durante um percurso para nós desconhecido. Quando os índios viam o Sr. José Domingues na frente da tropa, não atacavam porque parte do pedágio era repartido com eles. Assim ficamos sabendo da existência do “Pedágio De Tropa“.

*Estradeando e tropereando
Nas estradas deste mundo
Vamos lá que o rumo é certo
E lhes digo está perto
A parada Passo fundo*

*Casa de pasto tem pousada
E bóia pra cavalhada
Pro o rebanho um bom descanso
Que o gado fica manso
Para mais uma jornada*

*Assim eu explico "O PEDÁGIO DE TROPA"
Meu pingo galopa nos versos que faço
Com uma das mãos eu seguro as rédeas
E com a outra manejo meu laço*

*No Albor da madrugada
Boto a tropa na estrada
Ainda faltam quinze dias
Pros campos de Vacaria
Onde entrego a bicharada*

*José Domingues tá na espera
Na porteira do povinho
Pago o PEDÁGIO DE TROPA
Comigo ninguém se invoca
E vou passando de mansinho*

*Tô de volta em seguida
Que a saudade é bandida
Não me larga um segundo
Vou voltar pra Passo Fundo
A parada preferida*

Abraçando a Bombacha

Das diversas origens da bombacha, evidencio uma das possibilidades explicadas para mim por um respeitável historiador de nome Tau Golim.

*Lutou na guerra da Criméia
Do Império Turco Otomano
Vestimenta bem folgada
Feita com bastante pano
E pra lutar no Paraguai
Em seguida ela se vai
Atravessar o oceano*

*Saiu das guerras para a paz
E tornou-se preferida
Pelo sucesso que faz
Nunca vai ser esquecida
Especial pra trabalhar
Muito boa pra bailar
Com uma prenda querida*

*A bombacha é assim
Como conta a história
E foi nas guerras sem fim
Que pegou fama pegou glória*

*Hoje vejo uma guaiaca
Abraçando a bombacha
Na cintura uma faca
E um trinta balançando
Um par de botas couro grosso
Mais um lenço no pescoço
A parceria se formando*

*Assim se veste um gaúcho
Qual um monarca do pampa
Muito simples e sem luxo
De respeitável estampa
E sensação de liberdade
Um gaúcho sempre acha
Ao andar pela cidade
Vestindo sua bombacha*

No Banco do Amor

*Eu abri uma poupança
Lá no Banco do Amor
Sem limite, sem limite
Em nome do meu bem
Quanto mais a gente poupa
Muito mais a gente tem*

*Quanto mais eu deposito
Mais apaixonado eu fico
Vou dar um cartão pra ela
Com toda a liberdade
Pode sacar a vontade
Todo o meu amor*

*A poupança do amor
É pra toda eternidade
Rende juros, rende juros
De muita felicidade*

*La no banco do amor
A poupança é assim
Deposite um carinho
Retire um abraço
Deposite um beijinho
E conquistaste um coração*

Agradecimento Especial e Eterna Gratidão

No decorrer da minha vida, tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas e lembro da maioria delas, fiz muitos amigos, outros ficaram na lembrança apenas como conhecidos, mas a vida é assim, temos lembranças boas e outras não.

Na minha vivência tive a felicidade de conhecer pessoas que me deixaram admirado pelo nível intelectual, isento de vaidade, bonomia sincera, abnegação e dedicação as boas causas que ajudam no desenvolvimento do ser humano no caminho do bem.

Se fosse relacionar todas, não sei quantas páginas seria necessário.

Agora faço uma referência muito especial, pois trata-se de uma personalidade de grande expressão nos meios literários de Passo Fundo, do Rio Grande Do Sul e também do Brasil.

Refiro-me ao Professor Welci Nascimento, natural de Palmeira Das Missões, formado em Pedagogia e Direito pela UPF e que dedicou-se a causa literária e educacional em nossa cidade.

Membro da Academia Passo-Fundense de letras e autor de dezenove obras literários sobre a história de Passo Fundo abordando temas dos mais diversos, trouxe à tona registros que quase caíram no esquecimento, deu uma nova vida a historiografia regional.

No ano de 2000, meu saudoso pai, Marconi De Cesaro estava com o resumo de seu livro pronto para ser revisado, nesta oportunidade fomos atrás de alguém que pudesse nos ajudar para efetivar o lançamento do livro. Foi nesta ocasião que recebemos a sugestão do nome Welci Nascimento e tivemos a oportunidade de conhecê-lo.

Fiquei maravilhado pela recepção que recebemos do casal Welci e Dona Clair, a atenção carinhosa e a boa vontade em auxiliar no

lançamento do Livro do meu pai. Após ler o livro, o Professor Welci incentivou o lançamento do livro por considerá-lo uma boa obra, fato que muito alegrou ao meu pai, e o livro “Bocas Amargas” foi impresso em maio de 2003 com o lançamento realizado posteriormente na Academia Passo-Fundense De Letras.

A partir daí iniciou-se uma amizade de grande valor, e para mim é motivo de grande alegria quando o Professor Welci solicita algum préstimo de minha parte e me dá a oportunidade de retribuir um pouco do que fez auxiliando no lançamento do livro do meu pai, e agora me auxilia no lançamento deste pequeno opúsculo.

Em outras oportunidades o Professor Welci participou com seus conhecimentos de história como no caso da letra que escrevi “Passo Fundo”.

Ele forneceu os dados históricos necessários e suficientes para escrever a letra que foi gravada pelo conjunto “Os Tropeiros”.

Considero o Professor Welci Nascimento uma fonte de consulta valiosíssima em nossa cidade e sua obra literária veio enriquecer muito as escolas e os meios acadêmicos de Passo Fundo e região.

Dedicado que foi à causa da educação, que melhora o ser humano, ajuda no desenvolvimento intelectual das pessoas e na construção de um mundo melhor, considero o Professor WELCI NASCIMENTO, UM BENFEITOR DA HUMANIDADE.

O ensinamento Cristão nos diz: “Acumulai tesouros no céu onde a traça não corrói e os ladrões não roubam” Claro que Jesus ao dizer isso referiu-se a riqueza material na terra, mas eu, não querendo contrariar o ensinamento, acumulei uma riqueza imensa na face da terra. São os amigos verdadeiros que tenho, não há dinheiro no mundo que compre esta riqueza, e como a confiança que as pessoas tem na gente, a gente conquista mas se perder, nada mais trará de volta.

Neste tesouro que possuo, consta a amizade do casal Welci Nascimento e sua querida esposa, Dona Clair.

Agradeço imensamente ao Criador por nos ter presenteado com a convivência junto de pessoas tão amáveis como este casal. Meu agradecimento especial e eterna gratidão.

Cesar.

Biografia Cesar

Cesar Augusto De Cesaro , 70 anos, nasceu no dia 17.04.1953 as 22:20 segundo sua mãe, em casa com auxílio de uma parteira, Sra. Delzira Perondi, em Passo Fundo no endereço: Rua Saldanha Maranhão número 816 entre as ruas Morom e Independência.

Com poucos meses de idade foi morar em Pato Branco no Paraná onde seu pai, Marconi De Cesaro, foi instalar uma indústria no ramo de fundição.

Retornou a Passo Fundo no ano de 1958 com cinco anos de idade, onde foi residir na Vila Annes, na Rua Antônio Araújo, número 26, esquina com a rua Eduardo De Brito. Iniciou os estudos do curso primário, no ano de 1960 no Colégio Eulina Braga. Concluído o curso primário, prestou exame de admissão ao curso ginásial e em 1965 iniciou a primeira série no Colégio Vocacional Moderno (atual Cecy Leite Costa) que iniciou as atividades em caráter provisório nas instalações do Escola Salomão Iochpe, atual Colégio Militar. Arrastado por algumas paixões terrenas não teve um segmento ordenado nos estudos do curso ginásial, reprovando na primeira e segunda séries. Em 1968 ficou fora da escola, retornando em 1969 com mais determinação e concluindo o curso ginásial em 1971. Observou que alguns colegas também se atrasaram nos estudos. No ano de 1972 incorporou no exército nacional aqui em Passo Fundo, na unidade local, 1 /20 Regimento De Cavalaria, ainda montada, onde chegou ao posto de Cabo De Cavalaria durante o período do serviço militar regulamentar e por esta razão defende a bandeira verde e amarela. Cabe observar que Cesar, juntamente com seus irmãos, sempre ajudaram o pai em alguns serviços possíveis de serem executados por eles na fundição que o pai montou na vila Annes, e isto acontecia já na idade de 10 anos, e continuou trabalhando no serviço de fundição até o início do serviço militar. Concluído o serviço militar e já conhecendo o amor de

sua vida, retornou a trabalhar com o pai. Em 1973 iniciou o curso de Técnico Em Administração no Colégio Fagundes Dos Reis e em 1974 concluiu o segundo ano abandonando os estudos novamente. Durante o dia administrava a empresa do pai , mas não estava preparado para isso, detalhe que garantiu o insucesso e encerramento das atividades em fevereiro de 1977 com um soterramento de ações judiciais, protestos, execuções, pedidos de falência, penhoras, SPC, acordos etc. Uma tempestade e tanto mas não se afastou dos problemas, encarou-os de frente e com a ajuda e orientação de advogados como o saudoso Dr. Verdi De Cesaro, primo de seu pai, conseguiu ao longo de alguns anos resolver os problemas mais urgentes. Essa tempestade persistiu por um bom tempo, recebeu perdão de algumas dívidas e restaram ainda algumas que foram resolvidas até o ano de 1985. Após o encerramento das atividades descrito anteriormente, buscou atividades como a de motorista, tendo realizado teste para tal na Empresa Real aqui em Passo Fundo e Empresa Hélios de Carazinho, mas a sua sorte estava selada. Em meados de 1977, em um encontro casual, com o Sr. Adão Antônio Parnoff, na época funcionário ativo da C.E.E.E, recebeu a informação de que estavam abertas as inscrições para o concurso de operador de subestações e usinas na C.E.E.E. Foi pela copa das árvores fazer a inscrição. Foi aprovado no concurso e chamado para ingressar na empresa, fato que ocorreu no dia 05.09.1977. A partir deste dia sua vida sofreu uma mudança muito grande, pois quem vinha sobrevivendo com alguns trabalhos informais e ajuda dos familiares, e de repente ingressar em uma empresa concessionária de energia elétrica, sem dívida nenhuma era algo de muita importância. Na C.E.E.E. observou o panorama em sua frente e ficou impressionado, já começou a projetar um futuro melhor. Passou a receber treinamentos dentro da empresa voltados a área da energia elétrica e em 05.03.1980 foi transferido para a cidade de Ijuí onde foi realizar o curso de Técnico em Eletrotécnica. Neste mesmo ano iniciou o curso de “Eletrônica, Rádio e Televisão” oferecido pela “Occidental Schools” de São Paulo, com duração de três anos, curso que muito ajudou nas atividades dentro da empresa. Concluídos os estudos em Ijuí, foi transferido para a cidade de Santo Ângelo no dia 03.12.1982 onde foi trabalhar na Seção De Manutenção De Subestações, já promovido ao cargo de “Técnico Em Eletrotécnica” onde foi aplicar os conhecimentos obtidos nos estudos.

Cesar foi muito feliz dentro da C.E.E.E. pois teve a oportunidade de trabalhar junto com pessoas possuidoras de larga experiência na área de geração, transformação, transmissão e distribuição de energia elétrica, engenheiros, técnicos, eletricitas etc que lhe ajudaram muito no aprendizado além dos diversos cursos oferecidos pela empresa para a qualificação de seus funcionários. Em 05.06.1986 foi transferido para Passo Fundo onde foi trabalhar na manutenção dos sistemas de medição de energia elétrica. No início de 1996 foi transferido para o “Centro De Operação Regional” da região norte do estado onde ficou até o desligamento da empresa no dia 08.08.1997 em consequência da privatização da C.E.E.E. Neste mesmo ano, concluiu o curso de “Técnico em Eletrônica” iniciado em 1996 na Escola Cecy Leite Costa, antigo Colégio Vocacional Moderno descrito no início, do qual é aluno fundador. Concluiu o curso no fim de 1997. Após o desligamento da empresa passou a se dedicar a restauração de rádios antigos e desenvolver outras atividades voltadas a área de energia elétrica e eletrônica, tendo inclusive ministrado alguns cursos de “Eletricista Instalador Predial” e “Eletrônica Básica no SENAI de Passo Fundo.

Em 2005 foi contratado pela empresa Semeato para trabalhar junto as equipes de manutenção e auxiliar no gerenciamento de energia elétrica de todas as unidades, atividade que desenvolveu até o início do ano 2012.

Cesar é casado com Zilda Antonina De Cesaro desde o dia 14.06.1975. Desta união nasceram três filhos, Lisiane De Cesaro em 03.06.1977, formada em letras e com mestrado pela UPF, Ana Paula De Cesaro, 04.03.1979, comerciária em Passo Fundo, Maurício Cesar De Cesaro, 11.06.1986, atualmente cursando a faculdade de medicina na UFSM. O casal possui cinco netos, Gabriela, Lois, Laurem, Lucas e Lui Francesco.

Atualmente se dedica a atividades do lar em auxílio a esposa devido a um pequeno AVC por ela sofrido e nas horas disponíveis a outras atividades como consertos de alguns aparelhos, melhorias na residência, música. Está em curso a implantação de uma horta com grande variedade de plantas para consumo em casa, projeto para ser executado em breve.

Porque Escrevi Este Livro

Bem, em 1959 o meu saudoso pai comprou um rádio marca GE, valvulado e com olho mágico, e eu fiquei encantado com o aparelho. Eu tinha seis anos apenas e perguntei ao meu irmão mais velho como é que aquilo falava? Ele respondeu: - Olha, eu vi uns homenzinhos lá dentro! Ah Ah , eu passei um bom tempo tentando enxergar eles.

Naquele rádio passei a escutar músicas e iniciou ali o meu gosto pela música, fato comum à maioria das pessoas, quem não gosta de música?

Já na idade de 25 anos, passei a olhar a música de forma circunspecta, a prestar a atenção na mensagem transmitida pela letra e a poesia inserida nela, e foi aí que comecei a rabiscar alguns versos com alguma rima e métrica.

Iniciei este trabalho ainda em 1978 quando começaram acontecer as primeiras inspirações para escrever versos, mas a coisa foi lenta e só ficou mais intensa no início da década de noventa.

Escrevi este pequeno livro porque queria expressar o sentimento que eu tinha com relação a alguns fatos que ocorreram em minha vida como o abate de gado no matadouro municipal, no ano de 1963, onde presenciei cenas chocantes e que ficaram na minha memória com uma pergunta sem resposta na época: Porque tem que ser assim?

Ao ler obras de escritores destacados no cenário nacional, senti vontade de escrever alguma coisa mas consciente do meu tamanho, sinto-me um grão de areia perto deles e nesta pequena experiência que tive, pude sentir o quanto é difícil inserir o lirismo em uma poesia, se a gente se aprisiona na rima e métrica, o que não deixa de ser uma mecanização no que se escreve, o lirismo é sufocado.

Diante disso penso que rima e métrica devem ser desprezadas em alguns momentos para que o lirismo venha a fluir. Considero o lirismo uma arte apaixonada, assim como o choro é uma das vozes do amor.

Reconheço que não consegui emulsionar o lirismo de forma apreciável no que escrevi, acho que ele se mostra de forma muito leve em alguns momentos.

Li algumas obras de autores famosos como Zeno Cardoso Nunes, Aureliano De Figueiredo Pinto, Mário Quintana, João Pantaleão Gonçalves Leite, Tenebro Dos Santos Moura etc. etc. e hoje tenho plena consciência de que a arte de escrever é um dom dado por Deus, e tenho a dizer que não me considero um poeta, assim como ninguém é médico ou advogado com apenas um ano de curso. Penso que sirvo para um curioso melhorado.

Li também publicações do Professor Sigmar Sabin onde no final ele escreve: Professor e aprendiz da vida. Pois é, não sou professor, mas sem dúvida nenhuma sou um “APRENDIZ DA VIDA”

Peço desculpas antecipadamente por alguma figura de linguagem um pouco picante que possa ser percebida em alguns versos, mas foram fatos acontecidos na minha vida e se uma única pessoa gostar de uma única poesia ou de um único verso escrito, para mim o livro já terá valido a pena.

Aproveito para lembrar de pessoas que em algumas oportunidades elogiaram alguma coisa que eu já tinha escrito, amigos que tive como o saudoso Atílio José Edgar Dorneles o qual me ensinou muitas coisas principalmente do idioma guarani. Que saudade deixou.

Patrocínio:

BRONZARTE

Iniciou muito cedo escrevendo poesias que depois foram musicadas por diversos cantores.

Como se identificou com a poesia, fez diversos textos poéticos, sempre utilizando a experiência vivida.

Agora, com este livro, experimenta um novo desafio, falar com um público maior, levar as suas ideias através da leitura para leitores de todas as idades.

*“Aqui fica a expressão
de minha cultura,
minha vida e
minhas aspirações”*

Disse ele

Boa leitura

Escrevi este pequeno livro porque queria expressar o sentimento que eu tinha com relação a alguns fatos que ocorreram em minha vida como o abate de gado no matadouro municipal, no ano de 1963, onde presenciei cenas chocantes e que ficaram na minha memória com uma pergunta sem resposta na época: Por que tem que ser assim?

Ao ler obras de escritores destacados no cenário nacional, senti vontade de escrever alguma coisa, mas consciente do meu tamanho, sinto-me um grão de areia perto deles e nesta pequena experiência que tive, pude sentir o quanto é difícil inserir o lirismo em uma poesia, se a gente se aprisiona na rima e métrica, o que não deixa de ser uma mecanização no que se escreve, o lirismo é sufocado

